

UFCG



SUPRA OMNES LUX LUCIS



UFCG - Centro de Humanidades

XV SEPE

Semana de Ensino Pesquisa e Extensão

UNIVERSIDADE. Os desafios do século XXI: Quais os novos problemas?
Onde está o problema?



ais

76-3488

CENTRO DE
HUMANIDADES

XV SEPE

Semana de Ensino Pesquisa e Extensão

UNIVERSIDADE. Os desafios do século XXI: Quais os novos problemas?
Onde está o problema?

ORGANIZADORES

Antônio Clarindo Barbosa de Souza
Artur Ricardo de Araújo Espindula
Eugênio Felipe Albuquerque Araújo
Ivanilda Dantas Nóbrega Di Lorenzo
José Carlos Araújo Amarante
Maria Liège Freitas Ferreira
Márcia Barbosa Alves
Martha Priscila Bezerra Pereira

2025





28 DE JULHO A 01 DE AGOSTO DE 2025

LIVRO DE RESUMOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
XV SEMANA DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO – XV SEPE

TEMA

Universidade. Os desafios do século XXI: Quais os novos problemas? Onde está o problema?

REITOR:
Camilo Allyson Simões de Farias

DIRETOR DO CENTRO DE HUMANIDADES:
Vanderlan Francisco da Silva

VICE-REITORA:
Fernanda de Lourdes Almeida Leal

VICE-DIRETOR DO CENTRO DE HUMANIDADES
Paulo Matias de Figueiredo Júnior

PRÓ-REITORA DE ENSINO:
Érica Cristine Medeiros Machado

ASSESSORA DE ENSINO:
Karla Vanessa Batista da Silva Leite

PRÓ-REITOR DE PESQUISA:
Claudianor Oliveira Alves

ASSESSORA DE PESQUISA:
Martha Priscila Bezerra Pereira

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO:
Fernanda de Lourdes Almeida Leal

ASSESSORA DE EXTENSÃO:
Cecir Barbosa de Almeida Farias

REPRESENTANTE DOS FUNCIONÁRIOS:
Alessandro Francisco dos Santos

REPRESENTANTE DOS ALUNOS:
Guilherme Queiroz



COMISSÃO ORGANIZADORA:

Antônio Clarindo Barbosa de Souza (Memória) – UAH
 Artur Ricardo de Araújo Espíndula (Mídia) – UAAM
 Eugênio Felipe Albuquerque Araújo (Cultural) – Assessor de Arte e Cultura do CH
 Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (Monitoria) – UAG
 José Carlos Araújo Amarante (Científica e translado) – UAEF
 Maria Liège Freitas Ferreira (Artes e Decoração) – UAH
 Marielza Barbosa Alves (Infraestrutura) – UAAC
 Martha Priscila Bezerra Pereira (Coordenadora Geral) - UAG

COMISSÃO CIENTÍFICA (por Grupo de Trabalho):

GT1: Cultura Histórica e usos do passado

Eduardo Roberto Jordão Knack – UFCG/UAH

GT2: Educação midiática: tecnologia vilã ou aliada nos processos formativos

Marina Magalhães de Moraes – UFCG/UAAM

Naara Queiroz de Melo – UFCG/ UAEB

GT3: Teoria em xeque: o abismo entre universidade e sala de aula da educação básica brasileira

Laísa Fernanda Santos de Farias – UFRN/PGED

Ewennye Rhoze Augusto Lima – UFCG/UAH

GT4: Formação e práticas de professores de sociologia da escola secundária brasileira

Rozenval de Ameida e Souza – UFCG/UACS

Rogério Humberto Zeferino Nascimento – UFCG/UACS

Júnia Marúsia Trigueiro de Lima – UFCG/UACS

GT5: (Re)configurações do mundo do trabalho na contemporaneidade

Kamila Rocha Ferreira – UFCG/UACS

GT6: Mercado de Trabalho Contemporâneo

Luiza Dantas de Lima Teixeira – UFCG/UAEF

Allyne de Almeida Ferreira – UFCG/UAEF

GT7: Tecnologia (inteligência artificial; tecnologias de informação e comunicação; aplicativos e ambientes virtuais de aprendizagem, etc.

Kliver Lamartine Alves Confessor – UFCG/UAAC

Luciene Alencar Firmo Abrantes – UFCG/ PPGA



Bartira Amorim Pereira - UFPE

GT8: Ciências Humanas e Saúde: perspectivas teóricas, caminhos metodológicos e desafios contemporâneos

Martha Priscila Bezerra Pereira – UFCG/UAG

Sheylla de Kássia Silva Galvão – UFPB/CCHLA

Maria Liège Freitas Ferreira – UFCG/UAH

GT9: Educação bilíngue e práticas decoloniais: visualidades, línguas e literaturas na formação de pessoas surdas

Kívia Karla de Figueiredo Marinho – UFCG/UAL/PPGLE

Ritha Cordeiro de Sousa e Lima – UFCG/UAL/PPGLE

Juscelino Francisco do Nascimento – UFCG/UAL/PPGLE

GT10: Conheço o meu lugar? O local sob as óticas das ciências humanas e sociais

José Ferreira Júnior – URCA/Depto de Letras

Janaína Freire dos Santos – UFCG/UACS

XV SEPE

LIVRO DE RESUMOS

Martha Priscila Bezerra Pereira e José Carlos Araújo Amarante (organizadores); Antônio Clarindo Barbosa de Souza; Artur Ricardo de Araújo Espíndula; Eugênio Felipe Albuquerque Araújo; Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo; Maria Liège Freitas Ferreira; Marielza Barbosa Alves

Campina Grande – PB, Centro de Humanidades

Volume 15, n. 1. Agosto de 2025

Capa:

Artur Ricardo de Araújo Espíndula

Diagramadores:

João Vitor Gonçalves dos Santos

Michele Serafim de Lima

ISSN: 2176 - 3488



SUMÁRIO

Trabalhos em ordem alfabética pela inicial do nome do primeiro autor		P
	Introdução	7
GT1	Cultura Histórica e usos do passado	16
1.1	A cultura histórica no teatro de improviso: uma análise de seus usos a partir da companhia barbixas de humor. Álvaro de Sousa Coelho	17
1.2	O uso da memória como estratégia de resistência: práticas educativas do PIBID em extensão na aldeia katú em canguaretama/RN. Arisu Alan Costa Araújo Gladys Richeles Araújo Veiga Marcos Vagner Rodrigues Soares Paulo Higor Duarte de Souza Silêide Leila Oliveira Cavalcanti	18
1.3	Narrativas de resistência: heroínas negras, literatura de cordel e o antirracismo na história escolar. Ana Carolina Brito Diniz Cristiane Raposo Sousa Araújo Silêide Leila Oliveira Cavalcanti	20
1.4	A IA como ferramenta de ressignificação histórica na exposição “eu, amanuense que escrevi...”. Ana Cecília de Sousa Félix Marcos Vagner Rodrigues Soares Silêide Leila Oliveira Cavalcanti	21
1.5	A cultura histórica e o currículo em disputa: a inserção da história da África, dos povos indígenas e dos direitos humanos na formação docente em história da UFCG. Anderson Vieira Xavier	22
1.6	Da sala de aula às olimpíadas: o aprendizado docente na interseção entre o PIBID e a ONHB. Ayrila Joyce Araujo Lima	23
1.7	Krenak e a educação popular: fundamentos éticos, políticos e cosmológicos do pensamento indígena para a construção de uma educação popular não colonial. Brenda Hávylla Azevedo Dantas	27
1.8	Entre as quatro linhas: a luta feminina contra o silenciamento e a submissão. Caio Gabriel Nunes da Silva José Augusto Evangelista Cristiane Raposo Sousa Araújo Silêide Leila Oliveira Cavalcanti	29



1.9	Mrs. Dalloway: literatura do entre guerras e a representação da geração perdida. Jhuly Ane de Sousa Silva Carla Mikaelly Trindade Diniz	30
1.10	Tecnologia e memória: utilizando filmes como estratégia educacional para o ensino do holocausto. Cássio da Silva Pereira João Hebert Araújo Silva Paulo Higor Duarte de Souza	31
1.11	One Piece como Recurso Didático: Tecendo Conexões entre Mitologia, Ficção e a História Mundial Erasmio Magalhães da Silva	33
1.12	Cinema como espaço de uso público do passado: o caso de <i>nada de novo no front</i> (2022) Erik da Silva Santos	35
1.13	Aprendizagem histórica, consciência crítica e práticas de pesquisa: a ONHB como ferramenta de educação histórica na educação básica. Joélío Joventino Santos Glays Richeles Araújo Veiga	36
1.14	Ensino de história: o uso de documentário como fonte no quadro das metodologia na cultura indígena no ensino básico. José Robson da Silva Ivandro da Silva Mendes Paulo Higor Duarte de Souza Silêde Leila Oliveira Cavalcanti	37
1.15	O lampião da esquina e seu discurso de militância homossexual durante a ditadura militar no eixo Rio-São Paulo (1978). José Matheus Cavalcanti de Freitas	38



1.16	A necessidade de ver o outro na universidade pública: uma análise da existência dos “feitos desiguais” e a tentativa de apagamento da subjetividade do indivíduo na academia. Maria Emanuely Barbosa da Silva José Pedro Balbino Filho Willian Alves do Nascimento	39
1.17	Quilombo e cultura histórica em resistência à invisibilização do povo negro. Lavynnia Giordanny de Vasconcelos	40
1.18	Progresso e civilidade: uma análise de como esses ideais republicanos foram trabalhados nas questões da primeira fase da ONHB. Lígia Tamiris Silva Gomes Glayds Richeles Araújo Veiga	41
1.19	Memória em jogo: o cangaço e o cordel como espaços de cultura histórica no ensino de história. Liriel da Silva Torres	43
1.20	A ditadura civil militar e os povos Yanomami e Krenak: caminhos para trabalhar temáticas silenciadas no ensino de história. Maria Leticia Silva Mendes Mayla Rodrigues de Mélo Glayds Richeles Araújo Veiga	44
1.21	Sob a ótica do ensino de história: uma análise sobre os impactos do programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID) na formação de alunos no ensino superior nas licenciaturas. Maria Rita de Cássia Querino de Mélo Maria Clara Conserva de Arruda Rodrigues Glayds Richeles de Araújo Veiga Paulo Higor Duarte de Souza Silêde Leila Oliveira Cavalcante	45
1.22	Da história local às fake news: a ONHB como espaço para a construção de consciência histórica. Maria Leticia Silva Mendes Mayla Rodrigues de Mélo Glayds Richeles Araújo Veiga	47



1.23	História vivida e história registrada: interfaces entre memória e história oral. Thayane Kelly Oliveira Guimarães	48
1.24	O exército em primeiro lugar: a política Songun como resposta revolucionária a crise e seus impactos na retórica jornalística brasileira. Vinícius Alves de Oliveira Viana	49
1.25	Patrimônios culturais vivos: um estudo sobre as práticas e percepções das benzedeiras na preservação da tradição popular na cidade de Monteiro-Pb. Yasmin Silva Camelo	50
GT2	Educação midiática: tecnologia vilã ou aliada nos processos formativos	51
2.1	O “Ser Indígena”, representações midiáticas e práticas educativas: desafios para uma educação descolonizadora. Ana Carolina Brito Diniz Maria Clara Bezerra Bastos Vinicius Queiroz Silva Cristiane Raposo Sousa Araújo Silêde Leila Oliveira Cavalcanti	52
2.2	Entre a neutralidade e a narrativa: os impactos do Brasil paralelo no ensino de história. Ana Isabela do Nascimento Silva	54
2.3	Produto ou ciência? conhecimento histórico no século XXI: a posição da história na era digital. Eloisa Samara de Lucena Maia	55
GT3	Teoria em xeque: o abismo entre universidade e sala de aula da educação básica brasileira	56



3.1	Políticas de avaliação e concepções de qualidade educacional nas redes de ensino de municípios paraibanos. Jamiles Santos de Lima Luciana Leandro da Silva Andréia Ferreira da Silva	57
3.2	Experiência em sala de aula: como programas de incentivo à docência podem mudar a perspectiva de graduandos em licenciaturas. Leonardo Alencar Souza Marcela do Nascimento Silva Maria Eduarda da Silva Santos	59
3.3	Entre o tempo e o espaço: interdisciplinaridade por meio da História e da Geografia no contexto formativo pela Universidade Federal De Campina Grande. Milena Soares Porto	60
GT4	GT4: Formação e práticas de professores de sociologia da escola secundária brasileira	61
4.1	Oficina de Fanzine no novembro negro: uma experiência do PIBID de Sociologia. Joice Milenna Feitosa Bezerra	62
GT6	Mercado de Trabalho Contemporâneo	63
6.1	As trajetórias sociais das trabalhadoras no setor de call center em Campina Grande-PB. Ana Carla Souto de Oliveira Gomes Bárbara Bruna da Trindade Gomes	64
GT7	Tecnologia (inteligência artificial; tecnologias de informação e comunicação; aplicativos e ambientes virtuais de aprendizagem, etc	65
7.1	CONECTA-CAMPUS: uso de aplicativo para indicadores de insegurança no campus sede da UFCG. Beatriz Araujo Virginio	66



7.2	Educação ambiental e tecnologia atual: identificação e possibilidades de práticas para o ensino formal. Cláudia Maria Alves Pegado Dantas	68
7.3	Uso de IA generativa de imagem no ensino de História. Laerte Silva Gomes Glays Richeles Araújo Veiga	69
7.4	Ciber racismo: o preconceito racial na era digital. Maria Letícia Fernandes Alves	70
7.5	Trajetórias de estudantes cotistas na UFCG: os usos das tecnologias de informação para a análise das permanências e desigualdades na universidade. Jhuly Ane de Sousa Silva Rosilene Dias Montenegro Marcos Vinícios Almeida Abrantes	71
7.6	“Eu vou parar”: a influência da gamificação na ação coletiva de motoristas de aplicativo. Nadyne Maria Marinho dos Santos	72
GT8	Ciências Humanas e Saúde: perspectivas teóricas, caminhos metodológicos e desafios contemporâneos	73



8.1	Efeitos do uso excessivo do celular no desempenho acadêmico de universitários: um estudo no campus de Guajará-Mirim da UNIR. George Queiroga Estrela Sandra Andrea de Miranda Estrela Olga Maria da Mota Balduino Guedes Fernandes da Cunha	74
8.2	As habilidades socioemocionais no contexto acadêmico em uma instituição de ensino superior na Amazônia. Sandra Andrea de Miranda Estrela Olga Maria da Mota George Queiroga Estrela Balduino Guedes Fernandes da Cunha	75
8.3	A importância da dororidade para a manutenção da saúde mental no contexto universitário. Dayane Mirelly Pereira Rodrigues Jessica Ellen Paixão Silva	76
8.4	Estereótipos de gênero na educação infantil: uma análise das escolhas de crianças de 4 anos. Leticia Caroline Silva Freire Mikaelly Celina Fidelis dos Santos Dalila Castelliano de Vasconcelos	77
8.5	Fundação Rockefeller no brasil: vozes dissonantes em seio nacional (1916-1920). Marina Sampaio Fernandes	81
8.6	A construção social da loucura: uma leitura de O Alienista, de Machado De Assis. Olávia Fernandes	82
8.7	Desenvolvimento sustentável com base na vegetação local: potencialidades de elaboração de fitomedicamentos e fitoprodutos no estado da Paraíba. Thifanny Diniz Coelho	83
GT10	Conheço o meu lugar? O local sob as óticas das ciências humanas e sociais	84



10.1	Vozes silenciadas: o hip hop como resistência cultural e elemento identitário de jovens interioranos. Állysson Henrique de Lima Silva	85
10.2	Entre a terra e a luta: a mulher sertaneja e os silêncios que gritam em Serra Talhada. Ayrllan Isabelly Duarte Gomes Maria Thalita de Lima Silva	86
10.3	O imaterial na história dos lugares: uma análise sobre o uso de plantas medicinais na umbanda em Serra Talhada - PE. Danilo da Silva Moraes	87
10.4	Geografia e educação ambiental: oficinas pedagógicas e a construção de saberes sustentáveis no espaço escolar. Italo Monteiro de Oliveira Damião Ferreira Junior Deyvison Pierry Silva	88
10.5	O ciberespaço me suga, o que resta do lugar em mim? Ednaldo Emilio Ferraz	90
10.6	Geografia, base diversificada e projetos voltados para a memória do lugar. Eduardo Soares da Silva	91
10.7	A crença como forma de manipulação das massas: uma análise histórica do evento conhecido como “massacre da pedra do reino” e sua ressignificação, em São José do Belmonte. Guilherme Vinicius Silva Cruz	92
10.8	Desinventando um passado armorial: a invenção do atraso e a realidade digital em São José do Belmonte- PE. Ingrid Mariano Gondim	93



10.9	Novaes ou ferraz? controvérsias e pagamentos na narrativa fundacional de Floresta-PE. Isabela Larissa de Menezes Gomes Souza	94
10.10	Migração de retorno ao Nordeste a partir da virada do século XXI: análise dos fatores impulsionadores. José Antonio de Moraes Simões	95
10.11	Leonardo Bastião e sua relação com a cidade de Itapetim. José Ferreira de Lima Neto	96
10.12	Jabitacá é Iguaracy? Diferenças culturais, políticas e sociais em uma mesma cidade. José Messias da Silva Morais	97
10.13	A memória como mecanismo de resistência no bairro do alto da Boa Vista em Triunfo-PE. Jefferson Allan da Silva	98
10.14	Memória em fotografia: construção, modificação e transformação de Serra Talhada -PE. Antonio Inácio de Souza Neto Maria Clara de Brito Carvalho	99
10.15	A cura e o refúgio por meio da benzeção: uma análise da função social das benzedeiras, no município de Tavares -PB. Maria Fernanda Gomes de Andrade	100
10.16	O apagamento da participação na população negra na construção do município de Manaíra-PB: uma análise histórica e social. Maria Franciele Vaz Cirino	101
10.17	A compreensão da dinâmica de valorização do xaxado: a valorização externa x a resistência local em Serra Talhada. Maria Thalita de Lima Silva	102



10.18	De “Princesa do Sertão” a rainha do mourão: a resistência do ser vaqueiro no município de Serra Talhada. Maria Thalita de Lima Silva	103
10.19	Acessos e políticas de permanência das pessoas transvestigeneres na UFCG: desafios e compromissos. Marcus Whinter Alves da Silva Dayane Mirelly Pereira Rodrigues Jessica Ellen Paixão Silva	104
10.20	Rupturas e permanências do jogo político local: a ascensão de grupos políticos ao poder na cidade de princesa Isabel - PB.. Mateus Gonçalves dos Santos	105
10.21	Santa Cruz Do Capibaribe - o lugar como economia. Radamés Da Silva Barros	106
10.22	Entre saberes e silêncios: o retrato do campo nos livros de letramento e alfabetização da coleção novo girassol. Rebeca Dantas Alves Simone Vieira Batista	107
10.23	Um mesmo espaço, representações culturais diferentes: uma análise da disputa cultural entre Santa Cruz da Baixa Verde e Jatiúca. Vanessa Pereira de Medeiros	108



INTRODUÇÃO:

O compromisso das Universidades Públicas com a promoção integrada do ensino, da pesquisa e da extensão é um dos pilares fundamentais da educação superior brasileira. No entanto, a materialização desse princípio enfrenta desafios que se intensificaram com o contexto atual. Em um momento em que muitas das atividades passaram a ocorrer de forma virtual é um desafio realizar atividades presenciais, mas a construção coletiva de novos sentidos para a Universidade enquanto espaço de produção de conhecimento, formação cidadã e transformação social nos move a lutar para que esse evento continue se fortalecendo.

Diante deste quadro de referência, a XV Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades (XV SEPE – CH) reafirma sua vocação como espaço de encontro, diálogo e reconstrução. Mais do que um evento, a SEPE busca ser um movimento contínuo de fortalecimento das conexões entre saberes, experiências e práticas acadêmicas, colocando no centro do debate os grandes desafios contemporâneos enfrentados pelas instituições universitárias.

Com o tema “Universidade. Os desafios do século XXI: Quais os novos problemas? Onde está o problema?”, esta edição convida discentes, docentes, técnicos e toda a comunidade universitária a refletirem criticamente sobre o papel das universidades diante das crises que atravessam o nosso tempo: a crise climática, as desigualdades sociais, a desinformação, a precarização do trabalho docente, os ataques à ciência, entre outros. Mais do que identificar problemas, o XV SEPE propõe a construção conjunta de caminhos que fortaleçam o compromisso social das universidades e a sua relevância no século XXI.

Comissão Organizadora

Visite o site para ver outras informações deste evento:
www.sepech.com



GT 01 – CULTURA HISTÓRICA E USOS DO PASSADO.



A CULTURA HISTÓRICA NO TEATRO DE IMPROVISO: UMA ANÁLISE DE SEUS USOS A PARTIR DA COMPANHIA BARBIXAS DE HUMOR

Álvaro de Sousa Coelho¹

RESUMO

Esta comunicação propõe investigar como o Teatro de Improviso mobiliza elementos da Cultura Histórica para construir sentidos compartilhados com o público, ao ativar memórias coletivas, referências históricas e narrativas socialmente sedimentadas. Temos como base a análise de gravações de espetáculos promovidos pela Companhia Barbixas de Humor, publicados semanalmente na plataforma YouTube, observando, assim, como tais mecanismos se materializam na prática cênica. Nossa análise parte da compreensão de que o improviso, por sua natureza espontânea e interativa, depende da ativação de repertórios comuns entre atores e plateia, permitindo a construção de narrativas que dialogam com a cultura histórica de onde a apresentação está sendo encenada. Para isso, são considerados três aspectos centrais da linguagem do improviso: a forma de criação narrativa, discutida a partir de Moscheto (2018); a tensão entre imagens mentais e perceptuais geradas pelo artifício da mímica, examinada com base no diálogo entre Bergson (1999) e Silveira (2005); e, a relação entre ficção e não ficção, a partir de Pesavento (2000), que considera que a verossimilhança é um elemento fundamental para que uma narrativa, mesmo inventada, pareça plausível para com o mundo em que está sendo criada.

Palavras-chave: Cultura Histórica; Repertórios Culturais; Teatro de Improviso.

¹ doutorando pela UFPB. E-mail: alvcoelho08@yahoo.com.br



O USO DA MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA: PRÁTICAS EDUCATIVAS DO PIBID EM EXTENSÃO NA ALDEIA KATÚ EM CANGUARETAMA/RN

Arisu Alan Costa Araújo¹

Gladys Richeles Araújo Veiga²

Marcos Vagner Rodrigues Soares³

Paulo Higor Duarte de Souza⁴

Silêide Leila Oliveira Cavalcanti⁵

RESUMO

Este artigo tem como princípio basilar a análise da experiência realizada pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, em atividade de extensão realizada na aldeia Katú, sob a ótica teórica denominada Etno-História afirmados na imersão na cultura potiguara como forma de se autoafirmarem enquanto sujeitos históricos em movimento. A atividade consistiu em uma trilha perpassando sobre pontos estratégicos selecionados pelos moradores da aldeia como forma de contar a sua própria história, como exposição de artesanatos e diálogos que contribuíram para uma perspectiva imersiva na cultura potiguara. A metodologia desta proposta é oferecer ao leitor os aspectos do roteiro da experiência e da convivência enquanto objetos históricos carregados de intencionalidade, utilizando-se de uma teoria da história baseada na Etno-história de Manuela Cunha e Eduardo Castro, fundamentalmente decolonial, além de demonstrar a importância da autoafirmação enquanto estratégia de resistência perante a perseguição territorial no estado norte-rio-grandense. Desse modo nos utilizamos de um relato de experiência

¹ Graduando em História (Licenciatura) pela Universidade Federal de Campina Grande, arisucosta.ufcg@gmail.com.

² Mestre em História (UFCG) docente de história do Instituto Federal da Paraíba Campus Campina Grande. Supervisor do PIBID de História (UFCG), glayds.veiga@ifpb.edu.br.

³ Graduando em História (Licenciatura) pela Universidade Federal de Campina Grande, marcoswagner902@gmail.com.

⁴ Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professor da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB), supervisor do PIBID de História (UFCG), phdshigor13@gmail.com.

⁵ Professora Dr^a do curso de licenciatura em História da UAHIS/ Centro de Humanidades/ UFCG/Campus sede Campina Grande-PB/coordenadora do subprojeto PIBID História (2024-2026/sileide.leila@professor.ufcg.edu.br.



estruturados de uma análise que se baseia em discussões historiográficas e conflitos étnicos no estado do Rio Grande do Norte, contribuíram para uma perspectiva imersiva na cultura potiguara. A metodologia desta proposta é oferecer ao leitor os aspectos do roteiro da experiência e da convivência enquanto objetos históricos carregados de intencionalidade, utilizando-se de uma teoria da história baseada na Etno-história de Manuela Cunha e Eduardo Castro, fundamentalmente decolonial, além de demonstrar a importância da autoafirmação enquanto estratégia de resistência perante a perseguição territorial no estado norte-rio-grandense. Desse modo nos utilizamos de um relato de experiência estruturados de uma análise que se baseia em discussões historiográficas e conflitos étnicos no estado do Rio Grande do Norte.

Palavras-Chave: História Indígena; História do Brasil; Memória.



NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: HEROÍNAS NEGRAS, LITERATURA DE CORDEL E O ANTIRRACISMO NA HISTÓRIA ESCOLAR

Ana Carolina Brito Diniz¹

Cristiane Raposo Sousa Araújo²

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti³

RESUMO

O currículo escolar é cercado de complexas relações de poder - é preciso historicizá-lo. Falar sobre a história do povo negro africano e da história afrodescendente para além da sua condição de escravização ainda não é uma tarefa simples. Compreender que seres humanos foram escravizados em prol da lógica colonial de funcionamento da “sociedade” e de sua “economia”, é conteúdo básico em nível curricular nacional. Contudo, o exercício de compreensão do racismo estrutural é tarefa recorrente, fundamental nas disciplinas de humanidades, sobretudo História. Compreendemos que falar do negro na sociedade brasileira é uma questão fundamental para compreensão dos estudos históricos e da reflexão acerca das questões de racismo. Mas e falar da mulher negra? Como se dá? Falar da mulher, negra e pobre tem o mesmo peso? Foram alguns desses questionamentos base pensados para as aulas na ECIT Nenzinha Cunha Lima (Campina Grande, Paraíba), através da experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFCG), que materiais e metodologias foram sendo explorados/construídos em conjunto com turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. Neste trabalho será relatado a experiência das atividades em sala com o livro “Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis” do autor Jarid Arraes, refletindo acerca da potencialidade do trabalho com a literatura de cordel, a luta antirracista, sobretudo, na sala de aula de história e o legado histórico de mulheres que foram esquecidas pela história tradicional, centrada em raízes coloniais. Este relato de reflexão sobre a prática docente também se centra na potencialidade da formação docente, através de programas de incentivo à docência, que articulam o intercâmbio entre as universidades e as instituições públicas do ensino básico.

Palavras-Chave: Cordel; Ensino de História; Antirracismo; Mulher.

¹Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFCG, 2024-2026). britodinizanacarolina@gmail.com.

²Mestra em História (UFCG). Professora efetiva de História da rede pública estadual paraibana. Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID, 2024-2026). cristianeraposo.sa@gmail.com

³Professora Dr^a do curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande (campus sede/Campina Grande) e coordenadora do subprojeto PIBID História (2024-2026). silede.leila@professor.ufcg.edu.br



A IA COMO FERRAMENTA DE RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA NA EXPOSIÇÃO “EU, AMANUENSE QUE ESCREVI...”

Ana Cecília de Sousa Félix¹
Marcos Vagner Rodrigues Soares²
Silêde Leila Oliveira Cavalcanti³

RESUMO

Este artigo tem como princípio basilar a proposta de atribuir sentido a utilização da tecnologia de inteligência artificial (IA) na produção do saber histórico. A partir da análise da exposição “Eu, amanuense que escrevi...” sob o olhar de uma nova revolução no pensamento histórico que considera a IA como instrumento auxiliador na pesquisa histórica. A inteligência artificial (IA) fora sucedida por uma série de leituras corretas sobre seu uso em pesquisas de caráter científico por não produzir razão ou inteligência no sentido epistemológico, porém, pode colaborar na produção de documentos a partir de suas respostas padronizadas, ressignificando o passado. A aplicação da IA na exposição “Eu, amanuense que escrevi...” realiza um resgate dos relatos do abolicionista Luís Gama, produzindo imagens verossímeis dos rostos de escravizados libertos no final do século XIX. Portanto propomos um caminho metodológico fundamentado nos aportes teóricos de Paul Ricoeur em sua obra *Memória, testemunho, documento e esquecimento*. Em que a identidade é ressignificada simbolicamente por meio de Registros de Identidade (RG), oferecendo uma nova representação simbólica da população negra, atribuindo um lugar de sujeito ativo na construção da narrativa na história. O artigo, portanto, põe em perspectiva crítica o uso ético das ferramentas de IA's como extensão de reconstrução da memória e da identidade negra brasileira.

Palavras-Chave: História Digital; IA's; Luiz Gama; Identidade Negra.

¹Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Programa de Licenciatura em História – cecilia.sousa@estudante.ufcg.edu.br.

²Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Programa de Licenciatura em História – Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – marcoswagner902@gmail.com.

³Professora Dr^a do curso de licenciatura em História da UAHIS/ Centro de Humanidades/ UFCG/Campus sede-Campina Grande-PB/coordenadora do subprojeto PIBID História (2024-2026) / silede.leila@professor.ufcg.edu.br.



A CULTURA HISTÓRICA E O CURRÍCULO EM DISPUTA: A INSERÇÃO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA, DOS POVOS INDÍGENAS E DOS DIREITOS HUMANOS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM HISTÓRIA DA UFCG

Anderson Vieira Xavier, Graduando em História pela UFCG, Bolsista do PET- História (anderson2005xavier@gmail.com)

RESUMO

O presente trabalho visa analisar o processo de inserção de três disciplinas: Estudos de História da África, Estudos de História e Culturas Indígenas e Seminário de Diversidade e Direitos Humanos como obrigatórias no currículo da Licenciatura em História da UFCG, a partir da mudança do Projeto Político Pedagógico (2019). O objetivo central é perceber como esse novo currículo não é apenas elaborado restrito ao campo acadêmico, mas também dos diálogos externos com diferentes grupos sociais que reivindicam a memória histórica. Ainda, a emergência de uma nova ordem sócio-política e econômica, pós-Ditadura Militar. A metodologia da pesquisa tem abordagem qualitativa interpretativa, partindo de análise documental e de legislações educacionais, como a LDB (1996) e as Leis 10.639/03 e 11.645/08. A fundamentação teórica se deu com base em autores como Silva (2010) que discute teorias do currículo e Rusen (2007, 2010) com os conceitos de Cultura e Consciência Histórica. Ademais, entrevistas com três docentes do curso que ministram as disciplinas. Percebeu-se, assim, as disputas de narrativas e de demandas que permeiam o currículo, como também as dificuldades de incluir temáticas que foram historicamente marginalizadas. Esses embates são identificados nas quase duas décadas para a mudança curricular ser efetivada, mesmo diante de uma nova conjuntura de diretrizes e marcos legais, demandas do tempo presente e mudanças na disciplina Histórica, na formação de Professores Historiadores.

Palavras-Chave: Cultura Histórica; Currículo de História; História da África; História Indígena; Direitos Humanos.



DA SALA DE AULA ÀS OLIMPIADAS: O APRENDIZADO DOCENTE NA INTERSEÇÃO ENTRE O PIBID E A ONHB

Ayrila Joyce Araujo Lima,¹

PIBID – UFCG

joyceayrla@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal demonstrar como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) contribui no processo de Formação Docente em história. Para isso, busco analisar e refletir sobre a importância da integração entre as atividades do PIBID e a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), destacando como essa articulação contribui para a formação inicial de professores em história. Através da minha trajetória como aluna participante do PIBID que ocorre no IFPB - CG, professora de história em formação e participante ativa no acompanhamento e orientação de estudantes durante a ONHB, apresento reflexões sobre os impactos dessa experiência na construção dos meus conhecimentos e da minha identidade docente. O contato direto com os alunos na resolução das questões da olimpíada possibilitou bastante a pesquisa e o aprofundamento teórico nos temas trabalhados em sala de aula, assim como o desenvolvimento de estratégias didáticas e práticas pedagógicas, o que mostra que a ONHB pode ser uma ótima ferramenta utilizada para enriquecer o processo formativo promovido pelo PIBID, pois estimula tanto o pensamento histórico quanto o engajamento dos estudantes no ensino de História. No decorrer deste trabalho, também procuro refletir sobre a escrita de si e os relatos de experiência como formas de ocupar um lugar de fala. Estar em sala de aula, atuando pela primeira vez como orientadora dos estudantes nas diferentes etapas da Olimpíada Nacional

¹ Graduanda em licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com atuação no Instituto Federal de Campina Grande (IFPB). Orientadora dos alunos na ONHB, com interesse em práticas do ensino, pesquisa, formação docente e metodologias no ensino de história.



de História do Brasil, foi uma vivência bastante marcante, e para além disso, foi uma forma de me reconhecer nesse processo de formação proporcionado pelo PIBID. Contar experiências não é apenas relatar fatos, mas afirmar e confirmar um saber que só é possível nascer da prática. Diante disso, dialogamos com Michel de Certeau (1994) acerca de ocupar um lugar de fala, que como aponta o mesmo, significa romper com as estruturas dominantes e dar voz aos saberes que emergem do cotidiano. Durante a experiência foi possível perceber que, é justamente no dia a dia da escola e nas vivências, trocas e desafios com os alunos que a teoria começa a fazer mais sentido. O PIBID valoriza essa conexão entre teoria e prática, e é exatamente nesses espaços vivos que essa ligação realmente acontece. Por isso a relevância de separar um espaço para apontar a importância dos relatos, que não só registram o que vivemos, mas também nos ajudam a refletir, pensar, aprender, construir... Trabalho também com os conceitos de Consciência Crítica e Educação Libertadora, abordados por pelo teórico Paulo Freire (1983-1987), tanto nas pesquisas, quanto nas práticas em sala de aula. A aplicação da ONHB no contexto escolar permite a vivência de práticas pedagógicas que rompem com o ensino tradicional e conteudista, trazendo inovações e adequando-se à linguagem dos discentes. A prova trabalha com diversas fontes atrativas, como músicas, jornais, imagens, pinturas etc. O que promove um engajamento bem maior dos alunos e oferece diversos caminhos e possibilidades para o docente em formação. Dessa maneira, chegamos à conclusão de que a ONHB não se resume apenas à uma Olimpíada Científica que põe a prova os conhecimentos de história, mas que também pode ser utilizada como um espaço de reflexão sobre o próprio processo de ensino/aprendizagem de História, assim como afirma o autor e pesquisador da ONHB André Vinicius Bezerra Magalhães (2019). Observando os discentes, é perceptível que esse modelo de aplicação chama bastante atenção, principalmente pelos mesmos estarem divididos em equipes, o que gera uma competição positiva e educativa, pois uns torcem pelos outros, já que fazem parte da mesma escola e desejam passar para a próxima fase. A colaboração e o companheirismo entre os mesmos fica mais claro a cada fase da ONHB, onde é possível observar os alunos pesquisando, trocando ideias e construindo conhecimento. Além disso, há o fortalecimento da solidariedade e das relações pessoais dentro da sala de aula que se torna um espaço bem mais inclusivo e prazeroso para os discentes, que criam grupos com suas equipes, juntam-se em horários extra aula/classe, ouvem músicas, analisam pinturas juntos, riem, angustiam-se,



temem uma eliminação e vibram pela conquista do outro. Quanto à experiência enquanto professora de história em formação e integrante do PIBID, foi possível aprender e construir conhecimento enquanto orientávamos os discentes, assim como fortalecer as nossas relações e trocar ideias. O PIBID aproxima os alunos bolsistas em formação, já que os mesmos também são divididos em equipes e direcionados para as escolas participantes. Dessa forma, trocamos experiências e dividimos angústias, sorrisos... Construímos saberes! Com relação ao processo de orientação da ONHB, este nos motiva a pesquisar, a voltar para as teorias e revisitar os conteúdos estudados na Universidade. Ou seja, quando integrada às ações do PIBID, a ONHB amplia as possibilidades de atuação do licenciando, que passa a ocupar um papel ativo na elaboração e mediação de estratégias didáticas contextualizadas e críticas. Nesse processo também há uma descoberta da nossa identidade docente e da forma que lidamos com uma sala de aula, percebendo a cada dia novas possibilidades, metodologias e estratégias. A experiência com a ONHB oferece diversos caminhos para se trabalhar o Ensino de História, oferecendo múltiplas fontes, associando a cultura da letra com a cultura da imagem, trabalhando com a IA e com várias outras tecnologias, o que é bastante interessante para experimentar e selecionar. Tanto que uma das fases exigiu a elaboração de três textos, um texto criado por IA, um texto pessoal e um texto reflexivo sobre a comparação entre um texto produzido por IA e um texto produzido pelo ser humano. De todas as experiências, afirmo que essa foi a que mais chamou atenção, principalmente pelo fato de que nós, professores em formação, tivemos a oportunidade de participar ativamente da elaboração dos textos com os alunos, tendo uma interação mais aprofundada do que na resolução das questões. Ao auxiliar os alunos, pude perceber o engajamento de cada um, assim como analisar de perto a criticidade dos mesmos com relação ao texto construído pela IA. Muitos dos discentes perceberam que alguns conteúdos gerados pela IA necessitavam ser pesquisados mais a fundo, fazendo assim um trabalho de pesquisa de fontes. Outro fator observado na produção dos textos, foi o apontamento da importância dos professores em sala de aula, os discentes apontavam as diferenças entre conteúdos pesquisados na internet e o que se aprende com o professor, que vai além de questões técnicas ou dados, despertando a vontade de pesquisar, refletir e pensar por si. Aprender com o auxílio de um professor constrói conhecimento, o que é diferente de reproduzir ideias já formadas. Essa experiência de escuta e observação das impressões que os discentes tinham acerca dos professores e do



processo de ensino/aprendizagem foi uma das mais marcantes, pois serviu como inspiração para a profissional que desejo me tornar. Por fim, concluo que a ONHB quando associada às intervenções do PIBID, possibilita uma imersão na sala de aula, nos ensinando não apenas conteúdos, mas sobre como lidar com uma turma e com os desafios que surgem durante o processo, com os afetos, as questões, as angústias e os sentimentos presentes nas relações humanas que são construídas no decorrer do tempo naquele espaço escolar. Assim como uma imersão no processo de ensino, aprendizado e construção de uma identidade docente. Nóvoa (1992) ressalta a importância da formação como processo identitário contínuo, que se fortalece nesses espaços coletivos e colaborativos de atuação docente, como o proporcionado pelo PIBID em sua interlocução com a ONHB. Assim, este artigo busca evidenciar como a confluência entre esses dois projetos possibilita uma formação docente mais crítica, reflexiva, sensível às realidades e historicamente situada.

Palavras-chave: PIBID; ONHB; Ensino; História; Docência.



KRENAK E A EDUCAÇÃO POPULAR: FUNDAMENTOS ÉTICOS, POLÍTICOS E COSMOLÓGICOS DO PENSAMENTO INDÍGENA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO POPULAR NÃO COLONIAL

Brenda Hávylla Azevedo Dantas¹ Graduanda em História, bolsista do PET
História – UFCG Brendahvllaz@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre como as ideias de Ailton Krenak podem dialogar com a Educação Popular, em especial no que diz respeito às lutas contra a marginalização e os efeitos da colonialidade. A trajetória dos povos indígenas no Brasil tem sido marcada por exclusões históricas, muitas vezes deixadas de lado nos projetos de construção da identidade nacional. Diante disso, busca-se destacar o protagonismo destes povos nas lutas por reconhecimento, visibilidade e justiça. A Educação Popular, nesse contexto, é entendida como uma prática comprometida com a transformação social, que valoriza os saberes dos sujeitos historicamente silenciados. É nesse horizonte que se insere a contribuição de Ailton Krenak, importante liderança indígena desde os anos 1980, cuja atuação ultrapassa a denúncia da opressão colonial e propõe outras formas de pensar e viver no mundo, fundamentadas em perspectivas indígenas. Com base em uma abordagem qualitativa e em leituras no campo da Educação Popular e do pensamento indígena contemporâneo, este estudo analisa contribuições que tratam da resistência, da colonialidade e da valorização dos saberes ancestrais. A intenção é compreender de que forma esses

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) História.



referenciais, sobretudo aqueles que partem de vozes indígenas, podem fortalecer práticas pedagógicas mais críticas e decolonizadoras, que reconheçam a resistência dos povos originários como parte ativa da história e da construção de novos futuros possíveis.

Palavras-Chave: Educação Popular; Decolonialidade; Ailton Krenak.



ENTRE AS QUATRO LINHAS: A LUTA FEMININA CONTRA O SILENCIAMENTO E A SUBMISSÃO

Caio Gabriel Nunes da Silva (UFCG)
caioufcgh@gmail.com

José Augusto Evangelista
aevangelista324@gmail.com

Cristiane Raposo Sousa Araújo
cristianeraposo.sa@gmail.com

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti
silede.leila@professor.ufcg.edu.br

RESUMO

A temática escolhida para a produção do trabalho, referente a luta feminina no futebol foi motivada por uma aula temática sobre o “Dia Internacional da Mulher”, apresentada pelos autores Caio Gabriel e José Augusto, na ECIT Nenzinha Cunha Lima para alunos do 1º do ensino médio, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Nesse sentido, com o objetivo de analisar como o silenciamento das mulheres no futebol refletem as desigualdades de gênero, historicamente construídas no espaço social e, sobretudo, esportivo. Diante do exposto, tendo como metodologia os recortes de jornais da época que reflete o clímax midiático da inserção das mulheres no futebol, bem como as impressões do assunto em sala de aula, destacamos reflexões que perpassam a temporalidade e o caráter de gênero do Brasil ao longo tempo, tendo como alicerce Michelle Perrot para analisar a posição da mulher na sociedade e como o seu corpo foi silenciado. Nesse sentido, a discussão da temática se faz urgente no cenário atual da sociedade, pois, historicamente, as mulheres sempre foram silenciadas e oprimidas, dessa forma, optamos por tomar o caminho do futebol para refletir o tema, o que gerou discussões proveitosas em sala de aula, assim, atraindo os jovens a refletir a realidade.

Palavras-chave: Mulheres; Gênero; Silenciamento; Sociedade; Futebol.



MRS. DALLOWAY: LITERATURA DO ENTRE GUERRAS E A REPRESENTAÇÃO DA GERAÇÃO PERDIDA

Jhuly Ane de Sousa Silva - Bolsista PIBIC-AF - Discente do curso de Licenciatura em História – UFCG – jhullyane23@gmail.com

Carla Mikaelly Trindade Diniz - Bolsista PET - EDUCAÇÃO: Conexão de Saberes– Discente do curso de Licenciatura em História – UFCG – mikacarla04@gmail.com

RESUMO

O romance Mrs. Dalloway, publicado por Virginia Woolf em 1925, insere-se no contexto literário do período entre guerras, marcado por transformações estéticas e subjetivas. A obra acompanha um único dia na vida de Clarissa Dalloway e de Septimus Warren Smith, personagens que, embora socialmente distantes, compartilham inquietações e sentimentos de deslocamento típicos da chamada “geração perdida”. A análise parte da leitura do romance e do apoio em textos críticos sobre o modernismo literário, com ênfase na técnica do fluxo de consciência. Busca-se compreender como a autora expressa, por meio da fragmentação narrativa e da introspecção psicológica, as tensões do tempo histórico vivido. A investigação propõe, ainda, refletir sobre o modo como a literatura se torna espaço de denúncia e resistência diante das fraturas da modernidade. O trabalho aponta que a representação da crise existencial dos personagens revela, também, a instabilidade das antigas estruturas sociais após a Primeira Guerra Mundial.

Palavras-Chave: Virginia Woolf; Geração perdida; Fluxo de consciência; Pós-guerra; Romance moderno.



TECNOLOGIA E MEMÓRIA: UTILIZANDO FILMES COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL PARA O ENSINO DO HOLOCAUSTO

Cássio da Silva Pereira (UFCG)

cassiopereira105@gmail.com

João Hebert Araújo Silva (UFCG)

joaohebert1973@gmail.com

Paulo Higor Duarte de Souza

ECI Assis Chateaubriand

phdshigor13@gmail.com

RESUMO

Com o advento das novas tecnologias e o constante avanço dos recursos audiovisuais, o profissional da área de História passou a contar com diversas ferramentas que podem enriquecer significativamente o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Dentre essas ferramentas, destaca-se a vasta e crescente produção cinematográfica, que oferece inúmeras possibilidades didáticas ao permitir abordagens mais envolventes e reflexivas sobre conteúdos históricos. Os filmes, por seu caráter narrativo e imagético, podem contribuir para uma melhor compreensão dos acontecimentos e, conseqüentemente, para um desempenho mais satisfatório por parte dos estudantes. Nesse sentido, surgem importantes questionamentos acerca da forma como o professor pode empregar essas obras audiovisuais no ambiente escolar, transformando-as em instrumentos eficazes na construção de uma narrativa histórica crítica e contextualizada. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar de que maneira dois filmes específicos — O Menino do Pijama Listrado e O Fotógrafo de Mauthausen — podem ser utilizados pelo docente de História no ensino do Holocausto, promovendo a reflexão sobre um dos pilares fundamentais para a formação cidadã: a memória histórica. Para tanto, adota-se uma abordagem de caráter qualitativo, com foco na sistematização teórica das possibilidades pedagógicas advindas da utilização dessas



produções cinematográficas como recurso didático em sala de aula.

Palavras-Chave: Filmes; Holocausto; Memória; Ensino de História.



ONE PIECE COMO RECURSO DIDÁTICO: TECENDO CONEXÕES ENTRE MITOLOGIA, FICÇÃO E A HISTÓRIA MUNDIAL

Erasmo Magalhães da Silva

Discente do Programa de Pós-Graduação Linha II

História Poder e Identidade

PPGH

erasmo.mg.s@gmail.com

RESUMO

Este trabalho inovador propõe o uso de One Piece (manga/anime) como ferramenta didática para o ensino de história. Sua vasta mitologia oferece um cenário rico para explorar e contextualizar eventos e culturas históricas complexas, tornando o aprendizado mais engajador. A proposta central reside na análise comparativa de elementos narrativos de One Piece com a história mundial. A cultura do Povo de Shandia pode ser correlacionada à civilização Asteca (ver Jacques Soustelle), permitindo discutir temas como colonialismo, resistência e sincretismo cultural. A cidade de Water Seven, inspirada em Veneza, serve de ponto de partida para abordar o comércio marítimo e o Renascimento (cf. Frederic C. Lane), evidenciando a importância de portos e inovações da época. A queima da biblioteca de Ohara, que visava suprimir o conhecimento sobre o Século Perdido, traça um paralelo com a destruição da Biblioteca de Alexandria (analisada por Luciano Canfora e Robert Darnton). Essa analogia permite discutir censura, liberdade de expressão e a luta pela verdade histórica. Adicionalmente, One Piece aborda temas como escravidão, preconceito racial e social, corrupção governamental e a busca por liberdade e justiça. Esses tópicos ressoam diretamente com questões históricas e desafios contemporâneos, incentivando o pensamento crítico dos estudantes. Em suma, One Piece transcende o entretenimento, revelando-se uma valiosa ferramenta pedagógica. Ao conectar o universo fictício à realidade, o projeto visa fomentar o interesse pela história, estimular a análise crítica e promover uma compreensão mais profunda do passado e do presente.



Palavras-Chave: One Piece; Ensino de História; Mitologia; Liberdade.



CINEMA COMO ESPAÇO DE USO PÚBLICO DO PASSADO: O CASO DE *NADA DE NOVO NO FRONT* (2022)

Erik da Silva Santosⁱ, Graduando em História, bolsista do PET História- UFCG
eriksilvaacdc@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho analisa o filme "Nada de novo no Front" (2022), dirigido por Edward Berger e atualmente distribuído pelo serviço de streaming Netflix, como um exemplo do uso público do passado por meio da linguagem cinematográfica. Partindo da compreensão de que o cinema, enquanto meio de comunicação de massa, desempenha um papel central na construção de memória coletiva e de representações históricas voltadas ao grande público. Ao revisitar a Primeira Guerra Mundial, a obra apresenta uma narrativa crítica ao nacionalismo e aos discursos glorificados da guerra, utilizando recursos visuais e narrativos que enfatizam o sofrimento humano e a desilusão dos soldados. Como hipótese, defende-se que o filme atua como antídoto aos discursos nacionalistas excludentes, ao representar a guerra não como um destino de glória, mas como consequência de manipulações políticas. Nesse sentido Rosenstone (2010, p. 54) destaca que o cinema “condensa a história” não pela exatidão factual, mas pela força de suas imagens e emoções. Complementarmente, Hobsbawm (2011, p. 15) alerta que os critérios objetivos para definir uma nação são, muitas vezes, ambíguos e sujeitos a usos propagandísticos, o que reforça a leitura do filme como crítica à construção artificial das identidades nacionais. A metodologia adotada consiste na análise de conteúdo cinematográfico, com ênfase nas estratégias de representação histórica mobilizadas pela narrativa audiovisual.

Palavras-chave: Cinema; Cultura Histórica; Usos do Passado; Nacionalismo; Memória.

ⁱGraduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) História - UFCG



APRENDIZAGEM HISTÓRICA, CONSCIÊNCIA CRÍTICA E PRÁTICAS DE PESQUISA: A ONHB COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Joélío Joventino Santos, bolsista do PIBID, UFCG, joeliojov@gmail.com
 Glayds Richeles Araújo Veiga, Supervisor PIBID, IFPB – CG, glayds.veiga@ifpb.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as contribuições da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) para a aprendizagem histórica, assim como, a tomada de consciência histórica pelos discentes e respectiva ampliação e incentivo de práticas de pesquisa em História no cenário da educação pública de nível básico brasileira. Ademais, serão abordados os dispositivos didáticos empregados na ONHB, incluindo, estrutura das questões e seu sistema de pontuação, como elemento de quebra com a estrutura tradicional presente no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e, ainda, como tais elementos se articulam para a construção do aprendizado. Este trabalho considera ambos os cenários: O nacional e o local, partindo de uma experiência junto à equipes de alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) participantes da 17ª edição da ONHB (2025). Tal experiência se deu por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID), junto ao professor orientador do programa e das equipes. Pretendemos, assim, unir reflexões teóricas acerca da Olimpíada e sua metodologia, trabalhando com autores como Rüsen (2001), Fonseca (2009) e Bittencourt (2008), abrangendo práticas e metodologias no ensino de história, bem como, o relato dessa experiência e seu impacto em minha formação inicial como docente. Reafirmando a importância de iniciativas como a ONHB para o fomento das práticas de pesquisa e desenvolvimento do ensino de História no Brasil.

Palavras-Chave: História, Ensino, Pibid, ONHB, Formação.



ENSINO DE HISTÓRIA: O USO DE DOCUMENTÁRIO COMO FONTE NO QUADRO DAS METODOLOGIA NA CULTURA INDÍGENA NO ENSINO BÁSICO

José Robson da Silva, PIBID, UFCG, robsilva362@gmail.com

Ivandro da Silva Mendes, PIBID, UFCG, mendesivandro4@gmail.com Paulo

Higor Duarte de Souza, PIBID, SEEPB, phdshigor13@gmail.com Silêde Leila

Oliveira Cavalcanti, PIBID, UFCG, silede.leila@professor.ufcg.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a prática metodológica no ensino de História, com reflexões a partir do documentário *Falas da Terra* como fonte histórica utilizada em sala de aula. Busca-se evidenciar como essa metodologia aplicada proporciona, a discentes e docentes, uma análise que aponta para a possível hipótese de uma teoria construtivista da aprendizagem. A partir da produção e da representação voltadas ao público escolar, ao explorar e interpretar essa fonte visual, os(as) alunos(as) podem vivenciar uma conexão mais próxima com eventos e períodos históricos do Brasil colonial. São desafiados a investigar, questionar, reconstruir e problematizar narrativas históricas. A metodologia aplicada envolve conhecimentos adquiridos ao longo da experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizado em parceria com a ECI Estadual Assis Chateaubriand, especialmente durante a intervenção aplicada na Semana Nacional dos Povos Indígenas/Originários do Brasil. Também se baseia em observações feitas em sala de aula ao longo do curso. Metodologias dessa natureza foram aplicadas com o uso de meios digitais, obtendo resultados positivos, como o maior engajamento dos(as) alunos(as) com o período histórico estudado. Desenvolveram-se, assim, habilidades críticas, incluindo análise contextual, avaliação de evidências e construção de conceitos históricos, respeitando a autonomia dos discentes em relação aos acontecimentos ocorridos no Brasil colônia e em contraposição a estereótipos e narrativas produzidas no mundo contemporâneo. O desenvolvimento do trabalho deu-se promovendo debates, análises comparativas e construção de narrativas alternativas. Essas ações estimulam o pensamento crítico, a criatividade e a colaboração entre professores e alunos.

Palavras-Chave: Metodologia; Fonte histórica; Pensamento crítico.



O LAMPIÃO DA ESQUINA E SEU DISCURSO DE MILITÂNCIA HOMOSSEXUAL DURANTE A DITADURA MILITAR NO EIXO RIO-SÃO PAULO (1978)

José Matheus Cavalcanti de Freitas, graduando em História pela Universidade Federal
de Campina Grande (UFCG), integrante do PET – História com bolsa CAPES.
cavalcantimatheus304@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo analisa o papel do periódico *Lampião da Esquina* para a resistência homossexual durante Ditadura Militar brasileira (1964-1985), evidenciando sua edição experimental – lançada em 1978 – como um símbolo de luta contra à censura e homofobia. A pesquisa busca a compreensão da importância do jornal no discurso militante LGBTQIA+, observando como este enfrentou o preconceito e o estigma do período, além de seu caráter plural e democrático ao expor temas marginalizados pela grande imprensa. Através de uma metodologia fundamentada na abordagem qualitativa, é realizada uma análise crítica do número zero de *Lampião*, o qual surge em um momento chave de abertura política do país; visando a devida rigorosidade crítica, utilizou-se de diversas obras para o embasamento teórico, especialmente as do professor Renan Quinalha. Os resultados elucidam o caráter autêntico e pluralista do jornal, que enfrentou a homofobia e liderou os homossexuais na busca de seus direitos. Além disso, ele também se destacou por “dar voz” aos oprimidos ao discutir temáticas como machismo e racismo, assim, proporcionando que os “sem voz” denunciassem e expressassem suas realidades. Portanto, torna-se nítido que *Lampião* foi um dos mais impactantes e revolucionários jornais da imprensa gay, mantendo vivo um legado atemporal, mesmo após seu fim, em 1978. Toda sua história demonstra uma fervorosa luta contra um Estado opressor e homofóbico e o sonho por uma sociedade justa e igualitária.



A NECESSIDADE DE VER O OUTRO NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UMA ANÁLISE DA EXISTÊNCIA DOS “FEITOS DESIGUAIS” E A TENTATIVA DE APAGAMENTO DA SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO NA ACADEMIA

Maria Emanuely Barbosa da Silva, graduanda de licenciatura em História, Petiana bolsista do PET História - UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil, <mariaemanuelybarbosa5@gmail.com>;

José Pedro Balbino Filho, graduando de licenciatura em História, Petiano bolsista do PET História - UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil, <jose.balbino@estudante.ufcg.edu.br>;

Willian Alves do Nascimento, graduando de licenciatura em História, bolsista CNpQ - PIBIC - UFCG, Campus Campina Grande PB. Brasil <willianalves3955@gmail.com>.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo investigar o processo de construção da consciência social e racial a partir do contato com o ambiente universitário, bem como produções audiovisuais e entrevistas com os membros ativos da comunidade acadêmica, em sintonia com discussões bibliográficas que abordam as questões de classe, raça, gênero e a ideia do lugar do “outro” na História e na Academia. Tal projeto partiu de reflexões de leituras feitas durante o curso de História, com foco na educação crítica, dialógica e libertária. Que abordam e tocam nas feridas e cicatrizes de grupos minoritários, que apresentam em seus trabalhos a luta pela equidade e protagonismo, que por muito tempo foram e permanecem marginalizados por uma lógica linear que reforça a ideia de controle estamental. Será trabalhado também a análise de diferentes gêneros musicais produzidos por artistas periféricos que retratam suas vivências e o lugar em que a História escrita pela elite buscou limitá-los, e os sonhos roubados pela realidade imposta desde a colonização, até os dias atuais. Ademais, com base no material bibliográfico e artístico que está em análise para que se arquitete essa pesquisa, professores e estudantes de diferentes cursos da UFCG foram entrevistados. O intuito das entrevistas será alcançar uma noção das mentalidades e ações desenvolvidas, ou não, para melhorar a situação relacionada à desigualdade e afastamento dos filhos dos grupos supracitados. Para esse projeto iremos nos dedicar à análise de intelectuais como bell hooks (2023), Miguel Arroyo (2010), Paulo Freire (1996), Sílvio Gallo (2020), Lélia Gonzalez (2021) e Bárbara Carine Pereira (2023).

Palavras-Chave: Ensino de História; Feitos Desiguais; Raça; Educação Universitária; Música.



QUILOMBO E CULTURA HISTÓRICA EM RESISTÊNCIA À INVISIBILIZAÇÃO DO POVO NEGRO

Lavynnia Giordanny de Vasconcelos¹

RESUMO

Faz-se necessária uma discussão reflexiva acerca da invisibilização dos povos negros no Brasil, ainda em pleno século XXI? Sim, sem dúvidas. Infelizmente, campanhas como *'Diga não ao racismo'*, *'Somos todos iguais'* ou até mesmo as leis que vêm sendo instituídas pelo governo não foram suficientes para desconstruir um preconceito profundamente enraizado, como o racismo estrutural na sociedade brasileira. O que se percebe, na verdade, é uma tentativa forçada de integração, que não reconhece as especificidades históricas, culturais e sociais do povo negro. A cultura histórica do país ainda transmite, disfarçadamente ou não, marcas profundas advindas das experiências coloniais e de séculos de opressão. As comunidades quilombolas se posicionam então como força de resistência e combate ao racismo quando se identificam com sua descendência e identidade não se submetendo às questões que possam lhes serem impostas. O presente trabalho foi produzido a partir de uma experiência vivenciada no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET) História, em atuação na Comunidade Quilombola do Grilo, localizada em Riachão do Bacamarte – PB. A temática despertou em mim uma reflexão sobre a importância dessa resistência, manifestada por meio da memória coletiva quilombola, para a reafirmação de uma consciência voltada à valorização e ao respeito pela cultura histórica afro-brasileira. Essa reflexão se insere nos esforços conjuntos para a criação da Casa de Memória Dona Dôra, um espaço pensado em diálogo com a comunidade, com o objetivo de celebrar e preservar a história do Quilombo do Grilo. Dentro desse eixo temático, as reflexões foram enriquecidas a partir de textos de pesquisadores como Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, entre outros, que contribuíram para o entendimento das dinâmicas de resistência, luta e afirmação da identidade negra no Brasil.

Palavras-Chave: Cultura histórica; Quilombo; Resistência; Invisibilização; Memória coletiva.

¹ Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Integrante bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de História. E-mail: giorddanyvas@gmail.com



PROGRESSO E CIVILIDADE: UMA ANÁLISE DE COMO ESSES IDEAIS REPUBLICANOS FORAM TRABALHADOS NAS QUESTÕES DA PRIMEIRA FASE DA ONHB

Lígia Tamiris Silva Gomes

Ligia.tamiris@estudante.ufcg.edu.br

Glayds Richeles Araújo Veiga

Supervisor do PIBID de História (UFCG)

E-mail: glayds.veiga@ifpb.edu.br

RESUMO

Desenvolvido a partir da prática docente no IFPB pelo PIBID/História (UFCG), este trabalho investiga como são trabalhados os discursos sobre progresso e civilidade, característicos do início do século XX, nas questões da primeira fase da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB). Esse período, marcado por intensos debates e projetos visando construir uma identidade nacional, pautada nos ideais republicanos e em normas de civilidade, frequentemente vinculado à higienização da ideia de progresso. Conforme discute Schwarcz (1993), discursos marcados pelo racismo científico, justificando políticas de segregação urbana e exclusão social em nome da ‘civilização’. Objetiva-se identificar como esses conceitos e discursos históricos são mobilizados/problematizados no material da primeira fase da ONHB, compreendendo qual o papel atribuído a eles na narrativa histórica proposta pela olimpíada. Referência pedagógica por romper com modelos tradicionais de avaliação em História, o seu modelo de questões, onde mais de uma alternativa pode conter elementos corretos, faz o aluno participar ativamente da investigação histórica, confrontando fontes e questionando narrativas hegemônicas. A metodologia adotada consiste na análise de conteúdo, aplicadas a um corpus formado por questões (enunciados, fontes primárias e alternativas) da 17ª edição, realizada neste ano, buscando rastrear os temas, conceitos, valores e representações associados à ideia de progresso e civilidade. Para tanto, busca-se analisar a partir de tais conceitos como estes discursos estão presentes na primeira fase da olimpíada, frequentemente vinculados a discussões sobre exclusão/inclusão social.



Palavra chave: ONHB; Ensino de História; Discursos; Civilidade; Progresso.



MEMÓRIA EM JOGO: O CANGAÇO E O CORDEL COMO ESPAÇOS DE CULTURA HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Liriel da Silva Torres – Universidade Federal de Campina Grande -
liriel.silva@estudante.ufcg.edu.br

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Programa
Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFCG)

RESUMO

O presente estudo integra um recorde de uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/UFCG), intitulado *A literatura de cordel e os jogos “Cangaço” e “Cordel do Reino do Sol Encantado”: memória, patrimônio e resignificação*. A pesquisa parte da compreensão de que os jogos analógicos, ao mobilizarem elementos da cultura popular nordestina, como cangaço e a literatura de cordel, configuram-se como recursos pedagógicos capazes de articular memória, identidade e ensino de História. O objetivo central do trabalho é analisar como esses jogos podem funcionar como espaços de cultura histórica, favorecendo a construção da consciência histórica e a valorização do patrimônio cultural imaterial entre os estudantes. A metodologia consiste em análise qualitativa dos jogos “Cangaço” e o RPG “Cordel do Reino do Sol Encantado”, observando suas narrativas, dinâmicas e propostas pedagógicas, associada à revisão bibliográfica com base em Rüsen (2011), Alburquerque Júnior (2011), Leite e Oliveira (2022) e Nóbrega (2018). Como hipótese, sustenta-se que os jogos, ao promoverem a experiência lúdica e interativa com temas históricos, potencializam o engajamento discente, contribuem para a preservação da memória cultural nordestina e ampliam as possibilidades metodológicas para o ensino de História na escola contemporânea.

Palavras-Chave: Jogos; Cultura histórica; Usos do passado; Cangaço; Ensino de História.



A DITADURA CIVIL MILITAR E OS POVOS YANOMAMI E KRENAK: CAMINHOS PARA TRABALHAR TEMÁTICAS SILENCIADAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Maria Leticia Silva Mendes²

Mayla Rodrigues de Mélo³

Glayds Richeles Araújo Veiga (Co-autor)⁴

RESUMO

É preciso refletir que, na atualidade, os professores vivenciam desafios ao trabalhar conteúdos em torno do regime ditatorial brasileiro. O presente artigo busca fazer uma análise do ensino de história com a temática da Ditadura Civil Militar e o uso desse passado em sala de aulas do ensino básico, com enfoque nas vivências silenciadas historicamente nas narrativas oficiais, como os povos indígenas. Nesse viés, a pesquisa objetiva analisar a repressão aos povos indígenas no cenário de regime civil militar no Brasil como uma possibilidade a ser trabalhada em sala de aula, considerando o silenciamento histórico e sistemático sofrido; desse modo, o estudo se baseia nas vivências específicas dos povos Yanomamis e Krenak, abordando a ação do Estado contra esses grupos. Nesse sentido, o trabalho é pautado em uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo e viés exploratório, com base teórica em autores como Lopes (2021), Campos (2012), Bernardi e Roriz (2023), Passos (2023) e Gasparotto e Bauer (2021). Desse modo, consideramos que o ensino acerca da temática é crucial na formação de cidadãos críticos, de modo que o uso de minorias indígenas, como abordagem pode ser uma escolha importante na construção de consciência histórica, com uma formação pautada em escolhas e usos do passado que conferem vozes a grupos marginalizados; bem como, levando os alunos a pensarem as permanências dessa invisibilização e os impactos delas nas vivências atuais.

Palavras-Chave: Ditadura Militar; Ensino de História; Povos Indígenas; Silenciamento; Repressão.

² Graduanda do curso de licenciatura em História (UAH/CH/UFCG). Atualmente, faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Federal de Campina Grande. Email: leticia.mendes@estudante.ufcg.edu.br

³ Graduanda do curso de licenciatura em História (UAH/CH/UFCG). Atualmente, faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Federal de Campina Grande. Email: mayla15042003melo@gmail.com

⁴ (Mestre em História pela UFCG). Docente de História do Instituto Federal da Paraíba Campus Campina Grande, Supervisor do Programa PIBID em História da UFCG. Email: glayds.veiga@ifpb.edu.br



SOB A ÓTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NA FORMAÇÃO DE ALUNOS NO ENSINO SUPERIOR NAS LICENCIATURAS.

Maria Rita de Cássia Querino de Mélo¹; PIBID – UFCG;
cavalcanterita36@gmail.com.

Maria Clara Conserva de Arruda Rodrigues²; PIBID - UFCG; claraarrudac@gmail.com.

Glays Richeles de Araújo Veiga³; orientador;
glays.veiga@ifpb.edu.br

Paulo Higor Duarte de Souza⁴; orientador;
phdshigor13@gmail.com

Silêde Leila Oliveira Cavalcante⁵; orientadora;
silede.leila@professor.ufcg.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discorrer acerca dos impactos, os quais, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) refletem na formação dos docentes participantes enquanto professores em processo de graduação. Ademais, iremos utilizar de uma análise sobre as experiências pessoais ocorridas dentro das instituições: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand e Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Campina Grande. Bem como, uma abordagem em referência a importância e posicionamento do programa frente a carreira do estudante em exercício do curso no ensino superior (ES). Trazendo um diálogo com Circe Maria Fernandes Bittencourte, bell hooks entre outros autores que discutem sobre educação e ensino, como também autores que se dedicam a debater a cerca do PIBID como Rosa e Mattos, procuraremos refletir e entender, partindo do relato de bolsistas atuantes, a importância deste programa para a nossa formação enquanto futuras docentes em história. Para desse modo, compreendermos o exímio

¹ Graduanda em licenciatura no curso de história da UFCG e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

² Graduanda em licenciatura no curso de história da UFCG e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

³ Mestre em História (UFCG) docente de história do Instituto Federal da Paraíba Campus Campina Grande e Supervisor do PIBID História da UFCG

⁴ Mestre em história (UFRN) docente de história na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand e Supervisor do PIBID história da UFCG

⁵ Professora Dr^a do curso de licenciatura em História da UAHIS/ Centro de Humanidades/ UFCG/Campus sede-Campina Grande-PB/coordenadora do subprojeto PIBID História (2024-2026)



valor de projetos de incentivo na educação superior vinculadas ao nível básico de atuação docente. Reforçando assim o valor e caráter social do ensino de história.

Palavras-Chave: Educação; Formação; PIBID; Ensino Superior.



DA HISTÓRIA LOCAL ÀS FAKE NEWS: A ONHB COMO ESPAÇO PARA A CONSTRUÇÃO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Maria Leticia Silva Mendes⁵

Mayla Rodrigues de Melo⁶

Glays Richeles Araújo Veiga (Co-autor)⁷

RESUMO

O presente artigo busca analisar como a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) é propulsora à formação de uma consciência histórica e atua no desenvolvimento da criticidade em alunos do 8º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. A ONHB foge dos moldes do ensino tradicional, propiciando uma postura ativa e reflexiva para os alunos. Assim, o trabalho objetiva pensar o papel da Olimpíada na construção dessa consciência histórica, como espaço rico de percepções e problematizações históricas. A partir de questões da 17ª edição, refletiremos como é posto na 1ª questão a problemática das fake News, e, como a questão 39 aborda a mudança de nome da capital paraibana para João Pessoa, com uso do passado na educação; ambas propiciando um ambiente de debate crítico. A pesquisa parte da experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) história da UFCG, baseada nas práticas desenvolvidas no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba campus Campina Grande. O trabalho possui cunho qualitativo e viés exploratório, junto com aportes teóricos, como Rusen (2010), Brandão (2022), Ribeiro e Aires (2012), Alves, Santos e Geroleti (2021) e Magalhães (2020). Dessa forma, acredita-se que a ONHB realiza um papel de extrema relevância, ao abordar temas como os trabalhados nas questões pontuadas, contribuindo para a construção de uma consciência histórica nos alunos, com estímulo a um olhar reflexivo e com o uso do passado.

Palavras-Chave: Consciência Histórica; ONHB, João Pessoa; Ensino de História; Criticidade.

⁵ Graduanda do curso de licenciatura em História (UAH/CH/UFCG). Atualmente, faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Federal de Campina Grande. Email: leticia.mendes@estudante.ufcg.edu.br

⁶ Graduanda do curso de licenciatura em História (UAH/CH/UFCG). Atualmente, faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Federal de Campina Grande. Email: mayla15042003melo@gmail.com

⁷ (Mestre em História pela UFCG). Docente de História do Instituto Federal da Paraíba Campus Campina Grande, Supervisor do Programa PIBID em História da UFCG. Email: glays.veiga@ifpb.edu.br



HISTÓRIA VIVIDA E HISTÓRIA REGISTRADA: INTERFACES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Thayane Kelly Oliveira Guimarães, Graduanda em História pela UFCG, bolsista do PET História. thyanekelly3108@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma reflexão analítica e fundamentada acerca da temática da memória em sua articulação com a metodologia da história oral. Parte-se da concepção de memória como uma representação do passado e elemento construtivo da identidade, o que a torna objeto de permanentes disputas, reconstruções e ressignificações. A discussão enfatiza os tensionamentos entre narrativas individuais e experiências coletivas, destacando os desafios teórico-metodológicos envolvidos na utilização de fontes orais. Tais fontes, longe de ocuparem um lugar secundário frente aos documentos escritos, requerem uma metodologia específica que abrange sua produção, transcrição, disponibilização e análise. Discute-se, ainda, os desafios interpretativos que envolvem tais relatos, considerando que a memória é composta não apenas por lembranças, mas também por silêncios e esquecimentos, os quais influenciam significativamente a construção das narrativas. Nesse contexto, o artigo investiga o lado empírico da história oral, bem como suas possibilidades documentais, ressaltando sua relevância enquanto instrumento de construção do conhecimento histórico e ferramenta crítica na interpretação dos múltiplos sentidos da memória social.

Palavras-chaves: Memória; História oral; Conhecimento histórico.



O EXÉRCITO EM PRIMEIRO LUGAR: A POLÍTICA SONGUN COMO RESPOSTA REVOLUCIONÁRIA A CRISE E SEUS IMPACTOS NA RETÓRICA JORNALÍSTICA BRASILEIRA.

Vinícius Alves de Oliveira Viana, Graduando em História, integrante do PET História com bolsa CAPES - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
v.a.o.viana99@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma análise documental histórico-materialista, para compreender as razões que levaram a adoção da linha revolucionária Songun por parte da República Popular Democrática da Coreia, popularmente conhecida como Coreia do Norte. Frente a um dos momentos de maior dificuldade e provação da experiência socialista, o Partido do Trabalho da Coreia opta por um movimento muito mais amplo do que apenas o de destinar a maior parte das verbas para os militares, aglutinando as massas populares ao redor do exército em uma espécie de simbiose, vindo no espírito e na hierarquia militar um importante fator de coesão para enfrentar o delicado momento político e econômico. Esse movimento não foi feito para munir ditadores paranóicos e inconsequentes para fazerem ameaças gratuitas ao mundo, mas é exatamente essa a impressão que o jornalismo ocidental deseja reforçar. Nesse sentido, essa pesquisa busca evidenciar através de uma metodologia semiótica, que a redação brasileira, escondida atrás de uma máscara de jornalismo declaratório e alinhada com a retórica ocidental, constrói intencionalmente uma série de signos negativos em relação à nação asiática na mente dos seus leitores. Optando por uma cuidadosa disposição das palavras e escolhas específicas de sinais de pontuação nas manchetes de suas matérias, buscam desqualificar o país e suas reivindicações, tratadas como infundadas e paranóicas, e legitimar as ações imperialistas dos ocidentais contra o país.

Palavras-chave: Semiótica; Mídia; Songun; Coreia do Norte.



PATRIMÔNIOS CULTURAIS VIVOS: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DAS BENZEDEIRAS NA PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO POPULAR NA CIDADE DE MONTEIRO-PB.

Yasmin Silva Camelo, Graduanda em História pela UFCG, bolsista do PET- História.
silvayasmin612@gmail.com

RESUMO

A prática do benzimento, enquanto forma de cuidado espiritual e emocional, permanece viva em comunidades interioranas, apesar do seu progressivo declínio. Este estudo tem como objetivo analisar as representações e os sentidos atribuídos à prática do benzimento por benzedeadas da cidade de Monteiro, Paraíba, destacando sua relevância no contexto da medicina popular. A pesquisa está organizada em duas partes: inicialmente, são apresentados elementos que contextualizam a prática no cenário cultural e histórico local; em seguida, explora-se o discurso das benzedeadas entrevistadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, com base em entrevistas orais realizadas com moradoras e benzedeadas da cidade. Os dados coletados revelam que a prática do benzimento carrega forte simbolismo, é legitimada pela comunidade e transmitida majoritariamente por meio da oralidade. Contudo, desafios como o envelhecimento das praticantes e a ausência de interesse entre os mais jovens contribuem para a diminuição da sua continuidade. Ressalta-se, assim, a importância de preservar esse saber tradicional como patrimônio cultural imaterial.

Palavras-chave: Benzedeadas; Benzimento; Cultura popular; Saúde tradicional; Monteiro.



**GT 02 – EDUCAÇÃO MIDIÁTICA: TECNOLOGIA VILÃ OU ALIADA
NOS PROCESSOS FORMATIVOS.**



O “SER INDÍGENA”, REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS: DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO DESCOLONIZADORA

Ana Carolina Brito Diniz¹

Maria Clara Bezerra Bastos²

Vinicius Queiroz Silva³

Cristiane Raposo Sousa Araújo⁴

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti⁵

RESUMO

Durante a história do Brasil, o processo de colonização foi responsável pela tentativa de apagamento cultural dos povos indígenas, fazendo com que diversos estereótipos associados aos mesmos fossem difundidos ao longo dos séculos. Com o advento das mídias, essas manifestações não cessaram, tornando-se cada vez mais pejorativas com o passar do tempo, atravessando o universo da sala de aula, penetrando a relação professor-aluno. O presente trabalho foi produzido a partir de uma experiência construída através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em atuação na instituição ECIT Nenzinha Cunha Lima, na turma do 3º ano do Ensino Médio. Na ocasião, ministramos uma aula que teve como objetivo a reflexão acerca dos estereótipos dos povos indígenas construídos ao longo da história do Brasil, apoiada na utilização de mídias para retratar a construção da imagem do indígena de maneira estereotipada. Desse modo, foi possível analisar que os discentes ainda carregam essa bagagem normalmente retratada pelos veículos midiáticos, e ao final do laboratório, percebemos uma nova perspectiva em relação a suas percepções acerca da diversidade cultural indígena e das relações políticas contemporâneas. Entendendo a dimensão pedagógica como uma relação dialética entre ação e reflexão (prática e teoria), nosso aporte teórico, dentre alguns autores, aborda discussões com bell hooks

¹Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande(UFCG). Integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID2024-2026).britodinizanacarolina@gmail.com

²Graduanda em Licenciatura em curso de História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID, 2024-2026).

clarinhabezerrabastos@gmail.com

³Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Integrante do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID, 2024-2026). viniciusq870@gmail.com ⁴Mestra em História (UFCG). Professora efetiva de História da rede pública estadual paraibana. Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID, 2024-2026). cristianeraposo.sa@gmail.com ⁵Professora Dr^a do curso de licenciatura em História da UAHIS/ Centro de Humanidades/ UFCG/Campus sede-Campina Grande-PB/coordenadora do subprojeto PIBID História (2024-2026). silede.leila@professor.ufcg.edu.br

(1994), Neves, Corrêa e Tocantins (2013) e Almeida (2010).



Palavras-Chave: Ensino de História; Indígenas; Mídias Digitais; História do Brasil; Multiculturalismo.



ENTRE A NEUTRALIDADE E A NARRATIVA: OS IMPACTOS DO BRASIL PARALELO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ana Isabela do Nascimento Silva⁸ – PIBID História, UFCG
anaisabelanascimento10@gmail.com

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre os impactos da disseminação de conteúdos produzidos pela empresa Brasil Paralelo no ensino de História, à luz da temática "Educação midiática: tecnologia vilã ou aliada nos processos formativos". A partir da observação da crescente presença desses materiais entre os alunos e das tensões que surgem em sala de aula, analisa-se como tais conteúdos, travestidos de neutralidade e embasamento científico, promovem um revisionismo histórico e uma simplificação ideológica dos eventos passados. O objetivo central é compreender como a educação midiática pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para desenvolver o pensamento crítico e a leitura qualificada das fontes históricas digitais. A metodologia do estudo é de caráter qualitativo, com base em revisão bibliográfica e análise de situações vividas em sala, considerando autores como Jenkins, Ribeiro e Faria. Como hipótese, defende-se que a tecnologia, longe de ser uma vilã, pode e deve ser uma aliada na formação de leitores críticos da História, desde que utilizada com mediação pedagógica consciente e intencional.

Palavras-chave: Ensino; História; Revisionismo; Pensamento crítico.

⁸ Graduanda em Licenciatura em História



PRODUTO OU CIÊNCIA? CONHECIMENTO HISTÓRICO NO SÉCULO XXI: A POSIÇÃO DA HISTÓRIA NA ERA DIGITAL

Eloisa Samara de Lucena Maia¹

RESUMO

A democratização do conhecimento histórico é sempre positiva, entretanto, se faz necessário questionar a qualidade do “conhecimento” que ocupa os espaços do mundo digital. Um conteúdo histórico superficial, frágil e direcionado pelos interesses mercadológicos ameaça distorcer a realidade histórica. Este artigo propõe refletir acerca da transformação da história em um produto maleável e rentável através de filmes, séries, podcasts e postagens de redes sociais. Mediante essa problemática, foi-se implementada a metodologia de revisão bibliográfica narrativa, partindo da escolha do tema, realização da pesquisa, seleção e análise de artigos e capítulos de livros, e, por fim, a síntese e discussão das diferentes perspectivas existentes acerca do tema. Observa-se assim a formação de uma lógica perigosa que permite a criação de conteúdos que simplificam complexos processos históricos, reforçam mitos e esvaziam a potência de uma história crítica. Ao fragilizar o caráter científico da história, abre-se espaço para sua apropriação pela indústria cultural.

Palavras-Chave: Conhecimento histórico; Indústria cultural; Mídias Digitais.

¹Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). eloisasamaralucena@gmail.com



**GT 03 – TEORIA EM XEQUE: O ABISMO ENTRE A
UNIVERSIDADE E SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA
BRASILEIRA.**



POLÍTICAS DE AVALIAÇÃO E CONCEPÇÕES DE QUALIDADE EDUCACIONAL NAS REDES DE ENSINO DE MUNICÍPIOS PARAIBANOS

Jamiles Santos de Lima, GPPGE/UFCG, jamiles.santos@estudante.ufcg.edu.br

Luciana Leandro da Silva, PPGEd/UFCG - luciana.leandro@professor.ufcg.edu.br

Andréia Ferreira da Silva, PPGEd/UFCG, andreia.ferreira@professor.ufcg.edu.br

Agências de fomento: CNPq e FAPESq/PB

RESUMO

Esta pesquisa integra investigação mais ampla, que analisa o(s) processo(s) de reforma da gestão das redes municipais de ensino paraibanas, no período pós aprovação dos Planos Municipais de Educação (2015 a 2023), no que se refere às políticas de avaliação externa em larga escala e às “parcerias” entre o setor público e privado e seus desdobramentos na (re)configuração dos parâmetros de qualidade da educação. Como recorte desta investigação, analisamos as políticas de avaliação externa da educação adotadas nas redes municipais de ensino paraibanas e as concepções de qualidade da educação que as orientam. A metodologia adotada é quanti-qualitativa, com a utilização das respostas de questionário online aplicado às secretarias municipais de educação. O instrumento foi elaborado pelo GPPGE e aplicado com o apoio da Undime-PB em 2024. Composto por 50 itens com questões abertas e fechadas, foi submetido a análises descritivas e inferenciais, com o auxílio de ferramentas estatísticas como o Excel, complementadas pela análise qualitativa das respostas abertas. Os resultados iniciais apontam para a centralidade das avaliações externas como instrumento estratégico no processo de reforma da gestão educacional municipal, na medida em que se identificou que a principal forma de avaliação utilizada pelos municípios é a avaliação de desempenho dos alunos, o que reflete uma concepção de qualidade educacional mais restrita, relacionada apenas com os resultados alcançados no Saeb e no Ideb.



Palavras-Chave: Políticas de avaliação; Qualidade da educação; Redes municipais de ensino paraibanas; Avaliações Externas.



EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA: COMO PROGRAMAS DE INCENTIVO A DOCÊNCIA PODEM MUDAR A PERSPECTIVA DE GRADUANDOS EM LICENCIATURAS

Leonardo Alencar Souza - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID);
UFCG; alencarw1313@gmail.com

Marcela do Nascimento Silva - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID);
UFCG; silva05.marcella@gmail.com

Maria Eduarda da Silva Santos - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
(PIBID); UFCG;m.eduarda8677@gmail.com

RESUMO

O seguinte escrito tem como objetivo central uma apresentação acerca de como programas de iniciação à docência como o PIBID, oferecido aos campos de licenciatura, podem proporcionar um campo de visão mais amplo sobre a educação de maneira prática, utilizando como embasamento os relatos de experiência dos autores no desenvolvimento de atividades referentes ao programa, com a finalidade de refletir sobre a importância da prática docente durante o período de graduação. Para isso, também utilizaremos do eixo temático "Ensinar é ter esperança" de Paulo Freire, que trata sobre as divergências entre o ensino teórico aprendido no ambiente universitário e a realidade das escolas públicas, que muitas vezes geram desesperança e um sentimento de aflição, ou confusão em relação à certeza da docência. Contudo, buscamos ressaltar a importância da prática docente ainda como graduandos, uma vez que através dela podemos nos autoconhecer como os profissionais, colecionando experiências, aprendizados e reflexões, que podem estes nos reafirmar como professores, ou nos trazer à tona divergências e esclarecimento com relação à docência.

Palavras-Chave: PIBID; Docência; Educação; Experiência; Graduação;



ENTRE O TEMPO E O ESPAÇO: INTERDISCIPLINARIDADE POR MEIO DA HISTÓRIA E A GEOGRAFIA NO CONTEXTO FORMATIVO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Milena Soares Porto

Graduanda de Licenciatura em História pela UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) milena.soares@estudante.ufcg.edu.br

RESUMO

Este artigo analisa a formação docente nos cursos de licenciatura em História e Geografia da UFCG, destacando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar. Embora compartilhem fundamentos teóricos sobre tempo e espaço, os cursos ainda apresentam estruturas curriculares fragmentadas e pouco diálogo entre os Centros Acadêmicos, dificultando uma formação mais integrada. A pesquisa, com alunos de ambos os cursos, buscou compreender as percepções dos discentes sobre essa lacuna e as possibilidades de integração. Apesar do reconhecimento institucional da importância da interdisciplinaridade, na prática, História e Geografia seguem sendo ensinadas de forma isolada, o que causa estranhamento e impacta negativamente a formação de professores. Ao atuarem na educação básica, esses docentes enfrentam realidades complexas que exigem uma visão articulada entre os processos históricos e geográficos. Defende-se que a formação docente vá além da especialização, valorizando o diálogo entre saberes. A articulação entre História e Geografia permite desenvolver uma compreensão crítica e conectada à realidade dos estudantes. Para isso, é essencial reformular os currículos e adotar práticas pedagógicas que promovam a integração efetiva entre os campos do conhecimento.

Palavras-Chave: História; Geografia; Formação Profissional; Pesquisa.



**GT 04 – FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA DA
ESCOLA SECUNDÁRIA BRASILEIRA.**



OFICINA DE FANZINE NO NOVEMBRO NEGRO: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID DE SOCIOLOGIA.

Joice Milenna Feitosa Bezerra, graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG-CDSA, (joice.milenna@estudante.ufcg.edu.br).

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, vivenciado por mim, durante a participação no Programa de Iniciação à Docência - PIBID de Sociologia (UFCG-CDSA), desenvolvido em parceria com duas escolas estaduais, localizadas nos municípios paraibanos da Prata e de Monteiro. Durante a execução do PIBID, foram desenvolvidas atividades relacionadas ao Novembro Negro, através da aplicação de oficinas que auxiliassem no debate e aprofundamento da temática afro-brasileira. A escolha da oficina foi estabelecida de maneira que atendesse a proposta de levar os alunos a refletirem sobre o assunto com “outros olhos”, incentivando-os a encontrar uma forma alternativa de aprender o tema e comunicá-lo à sociedade na qual estão inseridos. Em parceria com outra pibidiana, optamos pela aplicação de uma oficina de Fanzine (ferramenta que surge como uma “pequena revista de fãs”), haja vista seu baixo custo e interesse do público juvenil. As escolas divulgaram a oficina, juntamente com as outras propostas (desenvolvidas por outros grupos de pibidianos), dando a oportunidade dos alunos escolherem a oficina que se identificassem mais, o que configurou um público que variou alunos dos 3 anos do ensino médio. Esse trabalho, portanto, tem como objetivo analisar e discutir essa experiência, de modo que destaque a importância de desenvolver atividades extraclasses que abordem temas de cunho étnico-raciais, envolvendo alunos ao debate para além da sala de aula.

Palavras-Chave: Formação Docente; Oficinas pedagógicas; PIBID; Novembro Negro.



GT 06 - MERCADO DE TRABALHO CONTEMPORÂNEO.



AS TRAJETÓRIAS SOCIAIS DAS TRABALHADORAS NO SETOR DE *CALL CENTER* EM CAMPINA GRANDE-PB

Ana Carla Souto de Oliveira Gomes, TDEPP, UFCG, soutoanacarla@gmail.com
 Bárbara Bruna da Trindade Gomes, TDEPP, UFCG,
barbara-bruna1@hotmail.com

RESUMO

O avanço tecnológico vem transformando as relações de trabalho, reestruturando a organização da produção. Os trabalhadores passaram a se relacionar com empresas e clientes por meio de softwares e aplicativos, sendo remunerados por tarefa, hora trabalhada ou pelo atingimento de metas um modelo que acentua a precarização da força de trabalho. A plataforma revela-se, assim, como um fenômeno que atravessa diferentes profissões, sendo particularmente expressivo para motoristas e entregadores de aplicativos, mas também nas empresas de call center, nas quais predominam o trabalho feminino. Neste contexto, o presente estudo propõe-se a analisar como a dinâmica do trabalho nas empresas de call center incide nas trajetórias sociais das trabalhadoras que compõem essa mão de obra na cidade de Campina Grande (PB). Parte-se da hipótese de que a precarização não afeta a todas de maneira uniforme, sendo atravessada por desigualdades de idade, escolaridade, raça, sexualidade e estado civil. Supõe-se que algumas trabalhadoras apresentam melhores condições de ascensão na empresa, enquanto outras resistem às opressões presentes nas relações trabalhistas. A metodologia fundamenta-se no estudo de fontes teóricas de autores como Ricardo Antunes, Heleieth Saffioti, Selma Venco, Cinara Rosenfield e Pierre Bourdieu, visando uma compreensão crítica das experiências das trabalhadoras e das configurações simbólicas que moldam suas trajetórias.

Palavras-chave: *Call Center*; Trabalhadora;. Trajetórias Sociais.



**GT 07 - TECNOLOGIA (INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL;
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO;
APLICATIVOS E AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM).**



CONECTA-CAMPUS: USO DE APLICATIVO PARA INDICADORES DE INSEGURANÇA NO CAMPUS SEDE DA UFCG

Beatriz Araujo Virginio

Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG) Grupo de Pesquisa GIDS- Grupo de Pesquisa Integradas em
Desenvolvimento Socioterritorial
beatriz.virginio@estudante.ufcg.edu.br

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Junior

Professor Associado II da Universidade Federal de Campina Grande -UFCG
Grupo de Pesquisa GIDS- Grupo de Pesquisa Integradas em
Desenvolvimento Socioterritorial
xisto.serafim@professor.ufcg.edu.br

RESUMO

O projeto surge com base em uma análise comparativa de três pesquisas anteriores (2011, 2018 e 2023), sobre violência no campus sede da UFCG. No qual constatarem problemas de segurança com a falta iluminação adequada, a deterioração de algumas infraestruturas e o controle de acesso inadequado, agravando a sensação de insegurança entre os usuários do campus. Diante disso, a consolidação de um aplicativo que identifique esses espaços de riscos no campus sede da UFCG, torna-se de grande valia, permitindo o registro de eventos em tempo real por estudantes, técnicos e professores, promovendo uma cultura de segurança e prevenção dentro do campus. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo principal a elaboração do aplicativo voltado a identificação dos espaços de risco no campus sede da UFCG. Como objetivos específicos, busca-se; Consolidar o banco de dados com informações sobre espaços de risco no campus sede; Definir o código-fonte do aplicativo e sua estrutura; Elaborar o protótipo do aplicativo e compartilhar com a gestão universitária. Para o desenvolvimento da proposta, foram adotadas procedimentos metodológicos de caráter técnico e exploratório, com levantamento bibliográfico em pesquisas anteriores



sobre violência no campus sede da UFCG, treinamento para elaboração da plataforma virtual e criação do banco de dados, também, visitas aos locais identificados nas pesquisas anteriores. Os resultados parciais obtidos revelam a partir dos registros fotográficos, mudanças em relação aos locais analisados em pesquisas anteriores, com a identificação de novas áreas de risco, por falta de iluminação adequada aliada a presença de árvores e arbustos, ausência de câmeras de segurança e também de profissionais de segurança, durante o período noturno, também, foi possível elaborar a estrutura de organização do aplicativo que irá permitir o registro de eventos de risco no campus sede da UFCG.

Palavras-Chave: Produção do Espaço; Violência Urbana; Insegurança; Aplicativo.



EDUCAÇÃO AMBIENTAL E TECNOLOGIA ATUAL: IDENTIFICAÇÃO E POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PARA O ENSINO FORMAL

Cláudia Maria Alves Pegado Dantas, Docente, IFPB, claudia.dantas@ifpb.edu.br

RESUMO

A Educação Ambiental pode ser vista como alternativa de minimização dos problemas ambientais de um determinado local a partir da sensibilização ambiental da sociedade. Para tanto, objetivou-se apresentar e analisar práticas de educação ambiental com utilização das tecnologias atuais para o ensino formal. Assim, foi realizada pesquisa bibliográfica, abordagem quantiquantitativa, onde foi feito mapeamento pela internet de trabalhos divulgados entre 2000 a 2023 em anais de eventos, em periódicos científicos e em dissertações usando termos como: educação ambiental, tecnologia, Tecnologia de Informação e Comunicação, Blog, jogo, questão ambiental, vídeo, celular, jogos. Então, foram selecionados trinta trabalhos. Destes, um apresentou a prática ambiental com a abordagem com aplicativo móvel (o *app* móvel EducaTerra); outro com uso de “instagram e fotografias”; um com música; quatro com fotografia; doze com jogo; Três, cada, com uso de Kahoot; de blog e com de vídeo; e por fim, dois usaram robótica. Então, se verificou as distintas e relevantes tecnologias atuais para possibilitar práticas ambientais através da educação ambiental. Foi constatado a abordagem recomendada da educação ambiental desde a educação infantil até o nível superior. Conclui-se que existe uma diversidade de tecnologias atuais possíveis de serem utilizadas para práticas de educação ambiental no ensino formal para sensibilizar de forma prática, dinâmica, e fácil os discentes, acerca das questões ambientais.

Palavras-Chave: Metodologia; Meio Ambiente; Tema Transversal; Tecnologia.



USO DE IA GENERATIVA DE IMAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA

Laerte Silva Gomes, PIBID, UFCG, laerte.silva@estudante.ufcg.edu.br

Glays Richeles Araújo Veiga Supervisor do PIBID de História
(UFCG). glays.veiga@ifpb.edu.br

RESUMO

Nos últimos anos, com os avanços da Inteligência Artificial, vimos surgir modelos de IA generativas capazes de criar conteúdo a partir de um banco de dados pré-existente. Dentre esses modelos, temos as IAs generativas de Imagem, que provocaram ruptura na forma de produção da linguagem. Com isso, as criações que antes estavam reservadas a artistas visuais, agora podem ser geradas por qualquer pessoa através de comandos textuais que descrevem elementos de uma cena. Segundo Bill Nichols, ao discutir a linguagem do cinema documental, as imagens são distrações miméticas, não devem ocupar nossa preocupação pela verdade, desse modo, convém trabalharmos com o que ele denomina “discursos de sobriedade”, que é caracterizado pelo distanciamento de concepções inteiramente fictícias, a menos que simulem, de modo pragmático, o autêntico. Os discursos de sobriedade, consideram a relação com o real de forma direta e transparente, assim, tornam-se um tipo de linguagem factual, pois, tomando o cinema documental como exemplo, a sensação de distanciamento causado pela metáfora é anulada a medida que as propriedades do filme documental atam a imagem as formas e contornos, padrões e práticas do mundo histórico (Nichols, 1997). Assim, precisamos tecer análises conceituais e metodológicas dos possíveis usos da IA generativa de imagens no ensino de História, ferramenta que foi utilizada como recurso para realização de uma tarefa da quinta fase da ONHB pelos alunos do IFPB CG, e que, enquanto integrante do PIBID na instituição, acompanhei o processo de criação das imagem. Desse modo, é necessário estabelecer fronteiras entre a narrativa e seu status de representação de eventos históricos com IAs generativas de Imagem, mas, além disso, a possibilidade de produção de materiais didáticos por professores de História.

Palavras-Chave: IA; Imagens; Ensino; História.



CIBER RACISMO: O PRECONCEITO RACIAL NA ERA DIGITAL

Maria Letícia Fernandes Alves¹

RESUMO

Ainda hoje, no século XXI, o racismo estrutural continua forte de modo explícito e algumas vezes não, pessoas negras e pardas passam por um difícil processo interno de identificação racial em visto de raízes preconceituosas são muito profundas, por exemplo a política de embranquecimento e os estigmas negativos que quase sempre são associadas as pessoas de pele escura e suas manifestações culturais, como se ser negro fosse ser inferior. O presente trabalho busca compreender o que se vêm sendo produzido acerca do racismo na realidade virtual, pois foi percebido que com as revoluções tecnologias estamos passando cada vez mais tempo em frente às telas e que muitos problemas da realidade social brasileira encontraram no ciberespaço um meio de propagação de suas ideias, muitas vezes até criminosas, na qual destacamos o racismo. Desse modo, procuramos construir uma revisão bibliográfica a partir de autores de diversas áreas como Tarcízio Silva (2022), Mariana Gomes da Silva Soares (2023), Adilson Moreira (2019) e Taiwô Prudêncio Araújo (2022).

Palavras-Chave: Racismo; Ciberespaço; Discriminação racial; Ciber racismo.

¹ Graduanda em licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Integrante bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) História. Email de contato: leticialves369@gmail.com



TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES COTISTAS NA UFCG: OS USOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO PARA A ANÁLISE DAS PERMANÊNCIAS E DESIGUALDADES NA UNIVERSIDADE

Jhuly Ane de Sousa Silva, Bolsista PIBIC-AF/UFCG –

jhullyane23@gmail.com

Rosilene Dias Montenegro – PPGH/UFCG –

rosilen.dias@professor.ufcg.edu.br

Marcos Vinícios Almeida Abrantes – Bolsista PIBITI/UFCG –

vinicios.abrantes17@gmail.com

RESUMO

As ações afirmativas no ensino superior vão além do acesso, elas propõem uma reparação histórica diante das desigualdades raciais, de classe e de gênero que estruturam a sociedade brasileira. No entanto, o ingresso não garante, por si só, a permanência dos alunos e alunas. Estudantes cotistas muitas vezes enfrentam uma universidade que não reconhece suas trajetórias, seus saberes e os obstáculos estruturais que carregam. Este trabalho deriva das atividades desenvolvidas no projeto “Estudantes cotistas: ingressos, permanências e desafios”, vinculado ao PIBIC-Ações Afirmativas da UFCG (2024–2025), e se dedica a compreender essas trajetórias a partir da realidade da instituição. A análise é baseada em dados de estudantes cotistas entre 2013 e 2024. Para o acesso e trabalho dos dados é feito uso de metodologias de cruzamento de informações extraídas do sistema Eureka, uma plataforma desenvolvida na UFCG que reúne dados discentes e docentes. Por meio desse sistema foi possível mapear formas de ingresso, tempo de conclusão, abandono de curso, acesso a auxílios e outros aspectos que ajudam a visualizar os desafios enfrentados por estudantes cotistas no cotidiano universitário.

Palavras-Chave: Ações afirmativas; Lei de Cotas; Permanência; Racismo estrutural; Universidade pública.



“EU VOU PARAR”: A INFLUÊNCIA DA GAMIFICAÇÃO NA AÇÃO COLETIVA DE MOTORISTAS DE APLICATIVO

Nadyne Maria Marinho dos Santos, Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, nadyne.santos@aluno.uepb.edu.br

RESUMO

As novas formas de trabalho plataformizadas modificaram a percepção dos trabalhadores acerca de suas próprias realidades e da disposição à ação coletiva. A mentalidade neoliberal que, como apontado por Dardot & Laval (2014), nos inseriu em uma filosofia do empreendedorismo e individualização que rompe com os ideais coletivos. Antunes (2020) se debruça a entender como a plataformização e o avanço da indústria 4.0 tem modificado as estruturas do trabalho no mundo social, e apesar de discorrer sobre a influência das plataformas no trabalho, não aponta de que maneira o sistema de gamificação delas influencia na construção de movimentos coletivos da classe. A gamificação se caracteriza por uma bonificação por demanda alcançada, com incentivos financeiros, elogios e mensagens motivacionais, fazendo com que os motoristas se sintam atraídos pela ideia de “jogar” de acordo com as propostas apresentadas, individualizando a experiência de cada motorista e instaurando a competitividade. Portanto, o objetivo central se volta para estimar a influência do sistema de gamificação das plataformas de mobilidade na adesão de motoristas à movimentos de ação coletiva, bem como entender como essas ferramentas moldam as experiências deles, como também estabelecer as dificuldades enfrentadas por esses motoristas na construção da ação coletiva. A hipótese se centra na defesa de que esse sistema segrega os motoristas que já possuem contextos heterogêneos como manutenção da filosofia neoliberal.

Palavras-Chave: Uber; Ação Coletiva; Gamificação; Neoliberalismo.



**GT 08 - CIÊNCIAS HUMANAS E SAÚDE: PERSPECTIVAS TEÓRICAS,
CAMINHOS METODOLÓGICOS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.**



EFEITOS DO USO EXCESSIVO DO CELULAR NO DESEMPENHO ACADÊMICO DE UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO NO CAMPUS DE GUAJARÁ-MIRIM DA UNIR

George Queiroga Estrela, Centro de Estudos para o Desenvolvimento Regional (CDR), Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
george.unir@gmail.com

Sandra Andrea de Miranda Estrela, Laboratório de Relações Interpessoais e Saúde (LARIS), Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
andrea.eadunir@gmail.com

Olga Maria da Mota, Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Meio Ambiente (GEDUMA), Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
olga.maria@unir.br

Balduino Guedes Fernandes da Cunha, Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS/UFPB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
balduinogfcunha@gmail.com

RESUMO

O presente estudo investiga os efeitos do uso excessivo do celular no desempenho acadêmico de estudantes universitários do Campus de Guajará-Mirim da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Considerando a crescente digitalização da vida cotidiana e o uso constante de tecnologias no contexto educacional, busca-se compreender como a dependência de telas compromete a concentração, a produtividade e o rendimento discente. Destaca-se, nesse cenário, o fenômeno da concentração dispersa, caracterizado pela alternância contínua de foco entre múltiplas tarefas, reduzindo a profundidade do aprendizado. O objetivo da pesquisa é analisar a influência do uso prolongado de tecnologias digitais, especialmente para fins não acadêmicos, na aprendizagem universitária. Consiste em uma pesquisa de abordagem quantitativa e descritiva, realizada mediante aplicação de questionário estruturado a estudantes de vários cursos de uma instituição de ensino superior na Amazônia. O instrumento possui 14 questões, organizadas em três blocos: uso problemático do celular, frequência e finalidade de uso em sala, e percepções sobre o impacto no desempenho acadêmico. As respostas seguem o modelo *Likert* e alternativas fechadas. A análise será feita com estatísticas descritivas e teste de correlação de *Pearson*. Espera-se que os resultados orientem práticas pedagógicas voltadas ao uso consciente da tecnologia no ensino superior.

Palavras-Chave: Concentração dispersa; Desempenho acadêmico; Ensino superior.



AS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NO CONTEXTO ACADÊMICO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NA AMAZÔNIA

Sandra Andrea de Miranda Estrela, Laboratório de Relações Interpessoais e Saúde (LARIS), Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
andrea.eadunir@gmail.com

Olga Maria da Mota, Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Meio Ambiente (GEDUMA), Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
olga.maria@unir.br

George Queiroga Estrela, Centro de Estudos para o Desenvolvimento Regional (CDR), Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
george.unir@gmail.com

Balduino Guedes Fernandes da Cunha, Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS/UFPB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
balduinogfcunha@gmail.com

RESUMO

As habilidades socioemocionais têm adquirido crescente relevância no cenário educacional por sua contribuição para o aprimoramento do desempenho acadêmico, o aumento do engajamento estudantil e a diminuição de condutas disfuncionais. Essas habilidades abrangem aspectos como autoconhecimento, empatia, autorregulação emocional, assertividade, flexibilidade, confiança, perseverança e habilidades interpessoais, os quais são essenciais para a aprendizagem e a convivência no ambiente universitário. Este estudo tem como objetivo identificar as principais dificuldades socioemocionais enfrentadas por estudantes do Campus de Guajará-Mirim da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, será realizada por meio da aplicação de um questionário formado por questões abertas e fechadas, direcionadas à percepção dos discentes sobre suas competências socioemocionais e seus impactos na trajetória acadêmica. Os dados coletados serão analisados por meio de categorização temática e interpretação descritiva. Parte-se da hipótese de que déficits no desenvolvimento dessas habilidades afetam negativamente não apenas o rendimento acadêmico, mas também a saúde emocional e a integração social dos universitários. Espera-se que os resultados orientem a formulação de estratégias pedagógicas e políticas institucionais que promovam o fortalecimento da dimensão socioemocional no ensino superior.

Palavras-Chave: Habilidades socioemocionais; Desempenho acadêmico; Educação superior; Saúde emocional.



A IMPORTÂNCIA DA DORORIDADE PARA A MANUTENÇÃO DA SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Dayane Mirelly Pereira Rodrigues, Mestranda em Ciências Sociais

PPGCS/UFCG, dayanemprodrigues@gmail.com

Jessica Ellen Paixão Silva, Mestranda em Ciências Sociais
PPGCS/UFCG, paixao.jessicaellen@gmail.com,

RESUMO

O contexto universitário é marcado por desigualdades e pressões institucionais, que atravessadas por questões de gênero e raça em uma perspectiva interseccional, podem intensificar o sofrimento psíquico das mulheres negras. A vivência cotidiana do racismo impõe a estas universitárias um conjunto de violências simbólicas e institucionais que afetam diretamente sua saúde mental e seu percurso acadêmico, por isto, esta pesquisa objetiva responder: qual a importância do reconhecimento da dororidade entre as mulheres negras estudantes para a manutenção da sua saúde mental, e o fortalecimento da sua permanência na universidade? A partir da verificação da formação dos laços de dororidade entre as universitárias e da avaliação da importância desses laços para a manutenção de sua saúde mental no contexto universitário. Nesse sentido, utilizaremos a dororidade enquanto estratégia de cuidado afetivo que contribui para manutenção da saúde mental, que rompe o isolamento e fortalece as redes de apoio e resistência no ambiente acadêmico. Para esta pesquisa utilizaremos entrevistas semi-estruturadas com três universitárias negras e análise destas vozes à luz de Lélia Gonzalez (2020), Fanon (1952), Vilma Piedade (2017), Neusa Souza (2021).

Palavras-Chave: Dororidade; Saúde Mental; Universidade.



ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DAS ESCOLHAS DE CRIANÇAS DE 4 ANOS

Leticia Caroline Silva Freire
leticiafreire415@gmail.com
Mikaelly Celina Fidelis dos Santos
mikaelycelina33@gmail.com
Dalila Castelliano de Vasconcelos
dalila_bal@hotmail.com

RESUMO

Desde os primeiros anos de vida, especialmente durante a primeira infância, as crianças estão expostas a diversas situações que refletem as desigualdades de gênero existentes na sociedade. Essas desigualdades não surgem de forma espontânea ou natural, mas são socialmente construídas e reforçadas por práticas culturais, sociais e educativas, que promovem a hierarquização entre os gêneros. Nesta perspectiva, o preconceito de gênero surge como um fenômeno social que se manifesta já nos primeiros contatos da criança com o mundo social e educacional. A estrutura social na qual estamos inseridos estabelece padrões e normas que definem o que é considerado adequado para meninos e meninas, moldando suas experiências, comportamentos e expectativas desde muito cedo. Diante da existência dessa problemática esse preconceito de gênero atravessa a educação infantil. Nesse sentido, essa problemática ocorre, em parte, pela naturalização de comportamentos e atitudes que discriminam ou limitam as crianças em virtude do seu gênero. Geralmente, essas ações são reproduzidas inconscientemente por familiares e pela própria estrutura do sistema educacional, o que dificulta a identificação e o enfrentamento do problema. No que se refere aos estereótipos de gênero, estes consistem em generalizações sobre comportamentos, papéis e características considerados próprios de meninos e meninas. Essas idealizações reduzem a complexidade do ser humano, restringindo o desenvolvimento das crianças a expectativas rígidas e excludentes. Dessa forma, a reprodução desses modelos engessados compromete o desenvolvimento integral das crianças e perpetua desigualdades que se estendem por toda a



vida. Assim, a infância, que deveria ser um período marcado pela liberdade de expressão, pela ludicidade e pelo desenvolvimento integral da criança, acaba sendo restringida por normas que reproduzem estereótipos de gênero, limitando o potencial das crianças. Diante desse cenário, torna-se fundamental a realização de pesquisas que busquem compreender como as concepções de gênero são formadas, reforçadas e expressadas pelas crianças durante a educação infantil. É com esse intuito que se desenvolveu a presente pesquisa, cujo objetivo principal foi analisar as concepções de crianças de quatro anos de idade, matriculadas na Educação Infantil, sobre a hierarquização de papéis sociais com base no gênero. A proposta partiu da necessidade de compreender de que forma as crianças de 4 anos já demonstram internalizar, de forma consciente ou não, ideias preconcebidas sobre o que é esperado de meninos e meninas em diferentes contextos sociais. A pesquisa foi realizada com um delineamento transversal, nesse contexto a pesquisa contou com a participação de 48 crianças com quatro anos de idade, regularmente matriculadas em pré-escolas da rede pública municipal da cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba. A escolha dessa faixa etária se deu pelo entendimento de que, aos quatro anos, as crianças já possuem habilidades cognitivas e comunicativas que permitem a expressão de suas ideias, preferências e percepções sociais, o que é essencial para o tipo de análise proposto. Para a coleta dos dados, optou-se por uma metodologia lúdica e interativa, condizente com a faixa etária das crianças participantes. Foram organizadas oficinas de contação de histórias, nas quais os participantes tiveram a oportunidade de escolher bonecos ou bonecas para representar os personagens das histórias apresentadas. Essa abordagem metodológica foi escolhida por possibilitar que as crianças se expressassem de forma espontânea e criativa, sem a imposição de respostas diretas ou formais. Através da contação de histórias, foi possível observar as escolhas feitas pelas crianças e associá-las às características atribuídas aos personagens das histórias, como coragem, força, velocidade, beleza, cuidado e gentileza. A análise dos dados foi realizada quantitativamente, com o uso de estatísticas descritivas que permitiram organizar e interpretados à luz do referencial teórico adotado. Ainda que o foco principal tenha sido o levantamento numérico das escolhas realizadas, a interpretação dos dados foi fundamentada no referencial teórico adotado, que trata da construção social do gênero e da influência dos estereótipos na formação da identidade infantil. Os resultados obtidos revelaram um padrão que reforça a existência de estereótipos de gênero já presentes na primeira infância, com isso



constatou-se que 75% das crianças participantes escolheram o boneco para representar personagens associados a características como coragem, força e velocidade. Por outro lado, quando as características atribuídas envolviam beleza, cuidado e gentileza 44% das crianças optaram por

representar esses papéis com a boneca. Esses dados demonstram como a ideia de uma hierarquização entre os papéis sociais de homens e mulheres já está presente, ainda que de forma sutil, no imaginário infantil. É importante destacar que essas escolhas não refletem apenas preferências individuais, mas sim um processo de socialização no qual as crianças estão inseridas desde muito cedo. As crianças observam comportamentos e recebem estímulos de diferentes meios como família, escola, mídia, entre outros, que influenciam diretamente na formação de suas perspectivas sobre o que é "ser menino" e "ser menina". Quando se associa, coragem ao masculino e cuidado ao feminino, reforça uma lógica de desigualdade que perpetua a divisão sexual do trabalho, a sub-representação feminina em espaços de poder e a responsabilização quase exclusiva das mulheres pelas tarefas de cuidado. Com base nos resultados obtidos, a pesquisa busca fomentar reflexões e ações no campo da Educação Infantil que possam contribuir para o enfrentamento da desigualdade de gênero desde os primeiros anos de vida escolar. Compreende-se que o ambiente educacional tem papel fundamental na formação de valores e atitudes, e que é possível intervir de forma consciente e planejada para desconstruir os estereótipos de gênero. Uma das propostas indicadas pela pesquisa é a utilização da contação de histórias como ferramenta pedagógica capaz de promover o pensamento crítico, o desenvolvimento da empatia e o fortalecimento do respeito à diversidade. A contação de histórias, quando bem conduzida, permite que as crianças explorem diversos papéis, personagens e realidades, possibilitando a construção de um imaginário mais inclusivo e igualitário. Assim, a presente pesquisa se propõe não apenas a descrever um fenômeno, mas também proporcionar subsídios teóricos e metodológicos para a construção de práticas pedagógicas que valorizem a igualdade de gênero. Reconhecer a presença do preconceito de gênero na Educação Infantil é um passo importante, mas é essencial que se avance para a construção de estratégias concretas de superação dessa realidade. Em suma, a pesquisa evidencia que a socialização de gênero se manifesta de forma precoce e que as crianças já demonstram internalizar, mesmo que de maneira ainda em formação, os estereótipos que permeiam a sociedade. O papel da escola, nesse contexto, deve



ser o de problematizar essas concepções, oferecendo um ambiente em que todos possam desenvolver-se plenamente, livres das amarras de preconceitos e limitações impostas por construções sociais excludentes. A promoção da igualdade de gênero na Educação Infantil não é apenas um ideal, mas uma necessidade urgente para a construção de uma sociedade mais democrática e igualitária.

Palavras-Chave: Gênero; Primeira infância; Contação de histórias e Educação Infantil.



FUNDAÇÃO ROCKEFELLER NO BRASIL: VOZES DISSONANTES EM SEIO NACIONAL (1916-1920)

Marina Sampaio Fernandes- UFCG
(sampaioarina193@gmail.com)

RESUMO

O presente trabalho se originou como um fragmento da minha pesquisa de TCC, em que estudei a atuação da Fundação Rockefeller no Brasil e os seus vínculos com o projeto de “regeneração social” dos brasileiros por vias de saúde pública no recorte de 1916-1920. Assim sendo, ao explorar este objeto, algo muito interessante veio à tona: a natureza negociável dos encontros entre as comunidades científicas locais e estadunidenses. A pesquisa, aqui, subscrita partiu da premissa de entender a relação da Fundação Rockefeller com as entidades locais regidas por apropriações, negociações, rusgas e interesses nacionais. Ou seja, um olhar para além das dicotomias simplificadoras que engendram o estudo dessas trocas científicas e culturais, sob a lógica do “centro *versus* periferia”. Portanto, foi elencado dois objetivos para esse estudo: compreender as condições sanitárias locais na chegada da assistência de uma entidade filantrópica estadunidense; e analisar a receptividade não-passiva dos médicos-sanitaristas e cientistas brasileiros e dos interesses movimentados a partir dessa relação interamericana. O trabalho é de natureza bibliográfica, e metodologicamente foi direcionado pelos ensinamentos de Gil (2002; 2008), e pela leitura de autores (as) como Porto (2014), Marinho (2001), Santos (1989; 2004), Raj (2015), Löwy (2006), Faria (1995; 2007), Lima & Hochman (1996; 2004), Palmer (2004; 2015) e Carvalho (2017).

Palavras-chave: Fundação Rockefeller; Natureza negociável; Comunidade científica local.



A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA LOUCURA: UMA LEITURA DE *O ALIENISTA*, DE MACHADO DE ASSIS

Olávia Fernandes- UFCG¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as construções sociais da loucura e sua vinculação histórica com práticas de controle social, especialmente por meio da atuação das instituições da religião, ciência e política. A análise se concentra na representação da loucura na obra *O Alienista*, de Machado de Assis, em articulação com o pensamento de Michel Foucault, especialmente no que se refere à produção de saberes e à medicalização da sociedade. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, com leitura crítica e interpretativa de obras literárias e teóricas, considerando práticas intertextuais que permitem o diálogo entre diferentes tipos de discurso. A literatura é abordada como fonte de reflexão social e histórica, servindo de base para examinar como o discurso médico científico foi legitimado como verdade sobre o corpo e a mente dos sujeitos, com ênfase na patologização de comportamentos tidos como desviantes. Conclui-se que a definição da loucura esteve (e ainda está) atravessada por interesses políticos e sociais que moldam os discursos sobre a normalidade.

Palavras-Chave: Loucura; Medicalização; Literatura e sociedade.

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Bolsista CAPES. Desenvolve pesquisa sob orientação das professoras Michelly Cordão e Dayane Sobreira. E-mail: olavia.fernandes@gmail.com.



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COM BASE NA VEGETAÇÃO LOCAL: POTENCIALIDADES DE ELABORAÇÃO DE FITOMEDICAMENTOS E FITOPRODUTOS NO ESTADO DA PARAÍBA.

Thifanny Diniz Coelho, PIBIC- Pró Saúde GEO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, thifannydiniz23@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho investiga o potencial da vegetação dos biomas Mata Atlântica e Caatinga no estado da Paraíba para a elaboração de fitomedicamentos e fitoprodutos, com foco no desenvolvimento sustentável, valorização dos saberes tradicionais e como alternativa de desenvolvimento local. A pesquisa se justifica diante da crescente busca por alternativas naturais para o tratamento de doenças, especialmente em contextos de automedicação e exclusão dos saberes populares frente à indústria farmacêutica. A mesma busca analisar as experiências exitosas na Paraíba que utilizam a vegetação local com base no desenvolvimento sustentável para produzir fitomedicamentos e fitoprodutos. Com abordagem quali-quantitativa, foram utilizados levantamento bibliográfico, pesquisa documental, dados do DATASUS e dois trabalhos de campo: um deles ao PATAC, entidade que atua com agricultura familiar e tecnologias sociais, e outro em Maturéia-PB, durante a Expomel, onde foi observado oficialmente a estrutura física de como deve ser a oficina para início efetivo do Polo Mandacaru. Os resultados apontam para um alto potencial fitoterápico das espécies nativas da região, ainda não utilizadas, e reforçam a importância da articulação entre políticas públicas, ciência e comunidades locais. O trabalho conclui que a valorização da biodiversidade regional pode se tornar uma estratégia eficaz de cuidado em saúde, geração de renda, preservação ambiental e desenvolvimento local.

Palavras-Chave: Fitoterapia; Biomas brasileiros; Desenvolvimento sustentável; Saber tradicional; Paraíba.



**GT 10 - CONHEÇO MEU LUGAR? O LOCAL SOB AS ÓPTICAS DAS
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.**



VOZES SILENCIADAS: O HIP HOP COMO RESISTÊNCIA CULTURAL E ELEMENTO IDENTITÁRIO DE JOVENS INTERIORANOS.

Állysson Henrique de Lima Silva-FAFOPST

allyssonh2@gmail.com

RESUMO

A cultura Hip Hop emergiu nos Estados Unidos, na década de 1970, em bairros periféricos de Nova York, como o Bronx, formados majoritariamente por comunidades negras e latinas em situação de marginalização. Esse movimento sociocultural nasceu como resposta à violência urbana, à repressão policial e à exclusão social vivida por essas populações. Dentre os seus elementos, o rap (ritmo e poesia) destacou-se como um poderoso instrumento de denúncia, resistência negra e conscientização política, promovendo a valorização da identidade e da memória afro-diaspórica. No Brasil, o Hip Hop se consolidou como uma ferramenta de ocupação simbólica e concreta dos espaços públicos, especialmente por jovens negros em contextos pós-abolição. Como aponta Ricardo de Ó Plácido em sua tese “Territórios Negros: Cartografias e Etnicidades na Experiência do Rap Paulistano (1970–1990)”, a população negra precisou construir estratégias de afirmação e luta por direitos diante de uma cidadania negada. No interior do Brasil, e particularmente no sertão do Pajeú, em Pernambuco, observa-se a força do rap como expressão cultural e elemento identitário. Batalhas de rima como a Batalha dos Bruxos (Arcoverde–PE) e a Batalha da 4 (Serra Talhada–PE) funcionam como espaços de acolhimento, fortalecimento de vínculos sociais e orientação de vida para jovens em situação de vulnerabilidade. O objetivo deste trabalho é analisar essas batalhas como práticas de resistência e afirmação da negritude no interior.

Palavras-Chave: Violência; Repressão; Memória; Cidadania; Luta.



ENTRE A TERRA E A LUTA: A MULHER SERTANEJA E OS SILÊNCIOS QUE GRITAM EM SERRA TALHADA.

Ayrllan Isabelly Duarte Gomes- AESET/FAFOPST.

isabellyduarteg1@gmail.com

Maria Thalita de Lima Silva - AESET/FAFOPST.

limasilvamariathalita@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho destaca a mulher sertaneja de Serra Talhada como símbolo de bravura e resistência. Tradicionalmente reduzida a estereótipos de fragilidade, ela ocupa um papel essencial na manutenção da vida rural, na cultura local e até na luta por espaços políticos e sociais. Apesar disso, muitas vivem à margem da representatividade e são vítimas de um silêncio estrutural que se manifesta em duas frentes: a exclusão dos espaços de decisão como a política, sociedade e a vulnerabilidade nos bairros periféricos, onde a violência contra a mulher ainda persiste. Este estudo busca valorizar essas trajetórias invisibilizadas, evidenciando como elas transformam o sertão com coragem, fé e determinação.

Palavras-Chave: Protagonismo feminino; Invisibilidade social e Sertão vivo.



O IMATERIAL NA HISTÓRIA DOS LUGARES: UMA ANÁLISE SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA UMBANDA EM SERRA TALHADA - PE

Danilo da Silva Moraes - AESET/FAFOPST-PE

danilomoraes25092003@gmail.com

RESUMO

Este trabalho investiga como as práticas de medicina ancestral são preservadas e aplicadas nas religiões de matriz africana no município de Serra Talhada, com foco nas práticas ligadas ao uso de plantas medicinais e nos rituais de cura física e espiritual. A pesquisa tem como objetivo compreender de que forma esses saberes tradicionais se articulam com a religiosidade afro-brasileira e se mantêm vivos apesar dos processos de marginalização e também compõem o quadro da histórica local. A metodologia utilizada é qualitativa, com base em revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com praticantes e líderes religiosos, além de observação participante em terreiros da região. Como hipótese, considera-se que essas práticas funcionam não apenas como recursos terapêuticos, mas também como formas de resistência cultural e afirmação identitária. O estudo visa contribuir para o reconhecimento dos saberes tradicionais como parte legítima do cuidado em saúde, propondo um diálogo entre a medicina convencional e os saberes ancestrais.

Palavras-Chave: Religiões afro-brasileiras; Medicina tradicional; Plantas medicinais; Serra Talhada; Saúde e espiritualidade.



GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: OFICINAS PEDAGÓGICAS E A CONSTRUÇÃO DE SABERES SUSTENTÁVEIS NO ESPAÇO ESCOLAR

Deyvison Pierry Silva, PROFGEO, UFCG, Deyvison.pierry@gamil.com

Italo Monteiro de Oliveira, CAGEOS, UFCG, italo.monteiro@estudante.ufcg.edu.br

Damião Ferreira Junior, CAGEOS, UFCG, damiaoferreirajunior@gmail.com

RESUMO

Refletir acerca das dinâmicas socioambientais é de suma importância, sobretudo quando tais reflexões podem ser feitas dentro da sala de aula, ambiente propício para uma formação cidadã consciente, embasando teoricamente o estudante, de modo que este seja parte de uma sociedade informada acerca dos problemas ambientais e capaz de discuti-los e enfrentá-los (Luzzi, 2017). Sob este prisma, para que tais metas estabelecidas sejam concretamente atingidas há a necessidade de haver uma série de reflexões acerca de uma educação ambiental eficaz e educativa, de modo que se adotem posturas que equilibrem as ações antrópicas e o meio ambiente, proporcionando rearranjos do espaço geográfico de forma equilibrada. Deste modo, para que sejam cumpridos os papéis sociais que são definidos pela educação ambiental e suas ciências transversais como a geografia, é necessário que existam práticas que exercitem a vivência dos atores sociais e sua corresponsabilidade pelos destinos sociais coletivos. Assim, se faz necessária a discussão em sala de aula com os discentes sobre as múltiplas questões ambientais que vivenciamos no mundo contemporâneo e as formas de mitigá-los (Fialho, 2008; Rusheinsky, 2009; Vesentini, 2021). A educação geográfica exerce um papel fundamental no entendimento das questões ambientais, uma vez que esta ciência propõe a compreensão da espacialidade, que em sala pode ocorrer através da análise geográfica, propondo uma inflexão do aluno para a compreensão e apropriação do espaço geográfico, fazendo com que este sujeito se compreenda parte vital do meio ambiente a partir do desenvolvimento de raciocínios espaciais (Callai, 2011). Ao final desta introdução,



destaca-se que os objetivos deste projeto são promover uma educação ambiental integral, que sensibilize os estudantes para a preservação do meio ambiente e incentive práticas de consumo e produção conscientes e sustentáveis, tanto no contexto escolar quanto na comunidade. Além disso, busca desenvolver habilidades socioemocionais por meio de metodologias ativas, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa. Por fim, o projeto pretende reconstituir e aprofundar os conhecimentos geográficos básicos, promovendo uma educação inclusiva, de qualidade e equitativa, preparando os alunos para atuarem de forma responsável e consciente em sua realidade local e global.



O CIBERESPAÇO ME SUGA, O QUE RESTA DO LUGAR EM MIM?

Ednaldo Emilio Ferraz, EREMII, edeemferraz@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de reflexão os efeitos do ciberespaço sobre a relação subjetiva dos indivíduos com o lugar material, a partir do conceito emergente de *ciberlugar*. Parte-se da inquietação: até que ponto a imersão no ciberespaço - em plataformas como redes sociais, fóruns, streamings e jogos online - compromete os vínculos afetivos, políticos e culturais com o espaço local? O avanço do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2001) e a consolidação da sociedade em rede (CASTELLS, 1999) vêm impondo novos desafios à Geografia, especialmente no que tange à atualização de suas categorias clássicas. Este trabalho justifica-se pela necessidade de pensar o “deslocamento do lugar” na contemporaneidade, não como ausência física, mas como deslocamento simbólico e existencial do sujeito geográfico, cada vez mais absorvido por experiências digitais. O objetivo é compreender de que maneira o ciberlugar atua como um espaço de pertencimento e identidade, ao mesmo tempo em que pode esvaziar as referências territoriais e afetivas do espaço concreto/material do indivíduo. O texto está estruturado em dois momentos principais: no primeiro, discute-se a problematização e os aportes teóricos; no segundo, apresentam-se observações preliminares sobre os impactos subjetivos e territoriais da imersão digital, com base em observação empírica e revisão crítica da literatura.



GEOGRAFIA, BASE DIVERSIFICADA E PROJETOS VOLTADOS PARA A MEMÓRIA DO LUGAR

Eduardo Soares da Silva
Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Eduardofla358@gmail.com

RESUMO

O cotidiano escolar mostra-se carregado de dificuldades que acaba alargando distâncias entre pesquisa, escola e comunidade. Quando adotado projetos sobre o espaço de vivência discente, a busca pelo conhecimento da comunidade torna-se mais estanque. Neste contexto, a relação entre Geografia e disciplinas do novo ensino médio proporciona possibilidades exitosas para estudos do lugar. Ademais, proporcionar o processo de pertencimento do espaço de vivência por meio do conhecimento do patrimônio histórico e da memória de personalidades do município de Arara-PB é o objetivo do trabalho. O projeto foi aplicado na escola Monsenhor José Paulino na disciplina eletiva do ensino médio no período 2024-2025. Foram realizadas aulas teóricas sobre o município, rodas de conversa, entrevistas com professoras do passado ararense, aula de campo, visitas técnicas pelo município e criação de catálogo fotográfico de arquiteturas históricas. O trabalho divide-se na análise da relação entre Geografia escolar e disciplinas do novo ensino médio, no aprofundamento da pedagogia de projeto voltadas a relação espaço-tempo e nas técnicas de ensino para aprendizagem do lugar. Os resultados foram exitosos em todas as instâncias, o percurso adotado conseguiu a promoção do maior conhecimento do espaço-tempo local, na aplicação de práticas e técnicas que provocaram um novo olhar dos adolescentes com seu lugar.

Palavras-Chave: Projetos em Geografia; Base Diversificada; Lugar e Memória.



A CRENÇA COMO FORMA DE MANIPULAÇÃO DAS MASSAS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO EVENTO CONHECIDO COMO “MASSACRE DA PEDRA DO REINO” E SUA RESSIGNIFICAÇÃO, EM SÃO JOSÉ DO BELMONTE.

Guilherme Vinicius Silva Cruz – FAFOPST/PE

gui108155@gmail.com

RESUMO

A religião surge nos primórdios da humanidade para justificar fenômenos/ações que não estavam sob o controle do ser humano, algo sobrenatural. Na cidade de São José do Belmonte, situada no sertão de Pernambuco, na primeira metade do século XIX, como desdobramento da crença sebastianista, ocorreu um episódio que historicamente ficou conhecido como Massacre da Pedra do Reino, tornando o seu lugar de ocorrência estigmatizado (Goffman, 2010). Quase dois séculos passados, no espaço belmontense verifica-se ressignificação atribuída à espacialidade citada, trazendo-a para condição de espaço festivo, cujo acesso se dá através de cavalgadas, fato que lhe promove identidade e visibilidade e, por conseguinte, benesses econômicas. Esta pesquisa tem como objetivo promover análise histórica sobre como a religiosidade construída em torno do evento citado, apresenta-se como mola propulsora para o verificado no hoje citadino, ou seja, como se deu a trajetória (Bourdieu, 2006) desses acontecimentos. Na busca desse objetivo será feita abordagem qualitativa, consultando documentos e literaturas, bem como se lançará mão da metodologia da história oral.

Palavras-chave: São José do Belmonte; Massacre da Pedra do Reino; Estigma; Ressignificação.



DESINVENTANDO UM PASSADO ARMORIAL: A INVENÇÃO DO ATRASO E A REALIDADE DIGITAL EM SÃO JOSÉ DO BELMONTE- PE.

Ingrid Mariano Gondim, Especialização em Historiografia do Nordeste,

AESET/FAFOPST marianogondim123@gmail.com

RESUMO

O Nordeste, como uma invenção (Albuquerque Júnior, 2019), torna-se objeto de discussões recorrentes sobre a construção de narrativas que ignoram a diversidade local. A Festa da Pedra do Reino, em São José do Belmonte, sertão pernambucano, apresenta representações (Pesavento, 2008) dessa construção imagético-discursiva como a presença da realeza simbólica, a literatura vida de Ariano Suassuna e o hibridismo dos discursos locais. Assim, procurando analisar os conteúdos dos discursos (Bardin, 2010) presentes nessa tradicional festividade, no que se refere às intenções (Weber, 2024) de seus participantes, em promover a tradição por meio do discurso Armorial, ao mesmo tempo em que utilizam ferramentas de divulgação digital nas redes sociais, esta pesquisa se propõe a analisar a Festa da Pedra do Reino como um espaço de disputa simbólica (Bourdieu, 2006) entre diferentes representações da identidade nordestina. Para tal, lançar-se-á mão da metodologia da história oral, bem como do diálogo entre os campos da História, da Sociologia e da Antropologia.

Palavras-Chave: Nordeste; Festa da Pedra do Reino; Discurso Armorial; Mídias Digitais.



NOVAES OU FERRAZ? CONTROVÉRSIAS E PAGAMENTOS NA NARRATIVA FUNDACIONAL DE FLORESTA-PE.

Isabela Larissa de Menezes Gomes Souza, estudante, FAFOPST,

i.isabelalarissa@icloud.com

RESUMO

Quando se fala ser de Floresta, a primeira coisa que se ouve é: você é Ferraz ou Novaes? Isso se dá pela forma que a história da cidade foi contada por todos esses anos. Temos, por exemplo, Leonardo Ferraz Gominho, que em seu livro *Floresta: uma terra, um povo* (1996), se dedica a contar a história a partir de figuras ditas importantes – em sua grande parte Ferraz e Novaes – mantendo sempre a narrativa heroica e um certo apreço pelo sobrenome que carrega. Em outro livro, *Floresta: cidade Centenária* (2007), o autor apresenta cartas sobre a cidade, escritas por “gente importante”. O que pôde ser observado é que em ambos não há ou há insignificantes informações sobre os povos negros que, pela lógica da época, levantaram os casarões e igrejas que originaram, e que hoje representam um patrimônio cultural importante de Floresta. A controvérsia é, também, que até os dias atuais, no mês de dezembro, junto à festa do padroeiro Senhor Bom Jesus dos Aflitos, acontece a Confraria do Rosário, uma festa feita por negros e para negros, que guarda semelhança com a origem do Maracatu. Seguindo a mesma linha, em *A Revolução Praieira No Sertão* (2018), os povos indígenas da Serra Negra são retratados como bárbaros e os homens brancos como bravos guerreiros que se dedicavam ao progresso. Como se vê, há necessidade de recontar a história florestana, com os olhos voltados para esses povos, que tiveram sua importante contribuição na construção cultural e histórica da cidade. Desse modo, o objetivo desse trabalho é analisar os pagamentos da história do povo negro e indígena florestanos, na narrativa memorialista fundacional da cidade.

Palavras-Chave: Floresta; História; Origem.



MIGRAÇÃO DE RETORNO AO NORDESTE A PARTIR DA VIRADA DO SÉCULO XXI: ANÁLISE DOS FATORES IMPULSIONADORES

José Antonio de Moraes Simões
 Autarquia Educacional de Serra Talhada
 joseantoneo.2014@gmail.com

RESUMO

A região Nordeste do Brasil, após a perda da representatividade política centralizada na primeira capital da Colônia, Salvador – transferida para o Rio de Janeiro; e o fim do ciclo do açúcar, encontrou-se em franco declínio econômico, se tornando território fértil para políticas coronelistas, paternalistas e patrimonialistas. Este quadro impactou especialmente o seu espaço coberto pelo bioma da Caatinga; e com o crescimento da industrialização do Sudeste em meados do século XX, se viu no migrante desta região a oportunidade de obtenção de mão de obra barata. Iniciou-se, assim, um grande movimento migratório que marcou gerações. Utilizando a Nova História local e a conexão que possibilita investigar um lugar no espaço e no tempo, com vistas a compreender uma totalidade mais ampla, este trabalho busca traçar as relações entre Diadema (ABC paulista) e Calumbi (Sertão pernambucano) para investigar o movimento de migração de retorno para o Nordeste a partir da virada do século XXI. A hipótese é que, fatores de ordem econômica, aliados à xenofobia sofrida cronicamente, tornaram o Sudeste não mais tão atrativo para o migrante, motivando o retorno de um grande percentual para as suas terras de origem e marcando a história de ambos os espaços. A metodologia da História Oral será primordial para análise desse objeto, somando-se a um estudo bibliográfico qualitativo.

Palavras-Chave: Mão de Obra; Migração; Retorno; Origem.



LEONARDO BASTIÃO E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE DE ITAPETIM

José Ferreira de lima Neto, PPGH/UFCG, poetanetoferreira@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa pretende enfatizar o poeta pernambucano Leonardo Bastião seus modos de fazeres e saberes realçando aspectos da cultura imaterial que permeia o indivíduo e atrelando sua relação com sua cidade de origem e residência Itapetim-PE. Como objetivo geral da pesquisa em curso pretendesse evidenciar as razões pelas quais o seu lugar é fonte perene de inspiração para o poeta. Como objetivos específicos elencasse a cidade de Itapetim, o ventre da poesia popular e as relações sociais permeadas entre os poetas daquele lugar e como essas relações descrevem o mundo? Pautando como a poesia pode ser fonte educativa para quem a acessa. Com relação a metodologia faremos uma revisão bibliográfica de sua obra, Minha Herança de Matuto (2018) bem como também estabeleceremos um diálogo a Gramsci em sua obra Cadernos de Cárcere (2001). A natureza é o que inspira o poeta, por ser agricultor Leonardo tem uma relação íntima com o campo buscando assim os conhecimentos que adquiriu durante sua jornada no campesinato para fabricar os seus versos, mas tudo na poesia de Bastião tem uma relação com Jesus essa é a viga maior na produção do poeta, tudo é assessorado e permitido pelo divino, é uma relação sublime e de respeito por essa esfera. É notório o sentimento identitário de Leonardo com suas raízes, com a cidade de Itapetim, mesmo ao evidenciar o cenário difícil do seu contexto que ceifou a infância do aedo, todavia, não o traumatizaram e suas vivências lhe deram forças para continuar sua lida.

Palavras-Chave: Patrimônio; Poesia popular; Identidade.



JABITACÁ É IGUARACY? DIFERENÇAS CULTURAIS, POLÍTICAS E SOCIAIS EM UMA MESMA CIDADE.

José Messias da Silva Moraes -FAFOPST

josemessias.s.morais@gmail.com

RESUMO

Iguaracy é um município que carrega, em seu cerne, uma marcada dicotomia: será territorialmente uno ou sua divisão é apenas uma questão burocrática? Localizado no Sertão pernambucano, na região do Alto Pajeú, o município abriga diferentes núcleos, dividindo-se entre zona rural, distritos e a sede. A principal divisão está entre a sede e o distrito de Jabitacá. Embora este esteja vinculado à sede por uma estrutura administrativa, há uma diferença evidente nos aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos. Jabitacá possui uma identidade própria, construída ao longo da história, com práticas e valores que diferem da sede municipal. Essa distinção é visível no cotidiano e nas formas de organização da população. A religiosidade também expressa essa divisão: de um lado, a devoção a Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Jabitacá; de outro, São Sebastião, padroeiro da sede. Essa diferença simbólica revela mais que fé, demonstrando disputas por reconhecimento e espaço dentro do próprio município. Assim, Iguaracy se apresenta como uma cidade oficialmente unificada, mas marcada por contrastes profundos que evidenciam a existência de múltiplas identidades em constante tensão. O objetivo desse trabalho é analisar as razões dessas diferenças presentes na história local, a partir da representação dos cidadãos.

Palavras-Chave: Iguaracy; Jabitacá; Divisão.



A MEMÓRIA COMO MECANISMO DE RESISTÊNCIA NO BAIRRO DO ALTO DA BOA VISTA EM TRIUNFO-PE

Jefferson Allan da Silva

jeffersonallan27@gmail.com

Mestrando em História (PGH – UFRPE)

RESUMO

Esta pesquisa, que se encontra em andamento e que se constitui uma revisão bibliográfica exploratória com abordagem qualitativa, tem por objetivo analisar a formação e desenvolvimento do Bairro do Alto da Boa Vista, espaço criado a partir da marginalização de negros e indígenas, na cidade sertaneja de Triunfo, Pernambuco, localizada na Microrregião do Pajeú, na segunda metade do século XIX. Para tanto, a pesquisa será realizada através do método transdisciplinar entre história e oralidade. A princípio será investigado em textos científicos como se deu a formação do espaço citado, o preconceito (Albuquerque Júnior, 2012) e estigma (Goffman, 2010) que o povo marginalizado sofreu por conta de sua cor e de seu lugar, bem como as formas que eles buscaram para (re) existir na cidade, ou seja, a construção de uma identidade de resistência (Castells, 2008). Em seguida, o intento é aproximar as discussões teóricas com as histórias orais (re) construídas e contadas pelos moradores do Alto da Boa Vista, reveladoras de seu imaginário e representações (Pesavento, 2008), bem como de suas memórias (Le Goff, 2011). Portanto, a importância desta pesquisa se dá na busca de outras rotas, caminhos e encruzilhadas de viver o (no) mundo resistindo e modificando cenários de violência em novas formas e possibilidades de (re) existir.

Palavras-Chave: Triunfo; Alto da Boa Vista; Memória. Resistência.



MEMÓRIA EM FOTOGRAFIA: CONSTRUÇÃO, MODIFICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE SERRA TALHADA -PE

Antonio Inácio de Souza Neto - FAFOPST/PE

(inacionetoa@gmail.com)

Maria Clara de Brito Carvalho- FAFOPST/PE

(mariaclarabrito118@gmail.com)

RESUMO

Embora prevaleça o uso da fonte escrita como meio de acessar o passado, o uso de imagens é elemento possibilitador de acesso às representações de homens e mulheres no ontem histórico. As imagens, após serem submetidas às “críticas das fontes” (Burke, 2017), podem ser tão confiáveis quanto os textos escritos. Na história dos lugares, a fotografia ocupa o papel de “lugar de memória” (Nora, 1993). Assim, arquivos e registros pessoais são importantes fontes históricas que precisam ser vasculhadas com o objetivo de “diminuir as incertezas do passado” (Borges, 2010) sobre os espaços. Diante disso, esta pesquisa procura, através do uso de fotografias de acervos particulares, empreender investigação relacionada ao ontem histórico do espaço onde se encontra a cidade sertaneja pernambucana de Serra Talhada. Buscar-se-á proceder comparação do ontem e do hoje históricos da espacialidade serratalhadense, sendo isto derivado do incômodo em constatar o seu hoje, em grande parte transformado, não levando em consideração a memória dos lugares e as suas representações presentes no imaginário social (Pesavento, 2008). Para alcançar o objetivo proposto, serão feitas comparações de registros fotográficos justaposto à escuta de discursos de sujeitos habitante do espaço em discussão e ou que possuam memória por tabela (Pollak, 1992) dele, que possibilite construir fontes (Barros, 2017) para esta pesquisa.

Palavras-chave: Serra Talhada; Fotografias; Memória; Representações; Imaginário.



A CURA E O REFÚGIO POR MEIO DA BENZEÇÃO: UMA ANÁLISE DA FUNÇÃO SOCIAL DAS BENZEDEIRAS, NO MUNICÍPIO DE TAVARES - PB.

Maria Fernanda Gomes de Andrade- FAFOPST/PE

mariafernandagomes266@gmail.com

RESUMO

Mesmo marginalizada como forma de explicação do mundo, a religião é capaz de oferecer significados transcendentais às situações de subsistência e desigualdade social. O movimento de “reencantamento pela religião” permite que rituais como a benzeção resistam em nossa sociedade. Muitos buscam as benzedeiras, mulheres atuam como intermediárias das forças sobrenaturais ao executar benzeduras para extinguir mau-olhado, espinhela caída e ventre virado, e que também se tornam símbolos da identidade imaginária coletiva. Este artigo visa explorar o papel das benzedeiras, atuantes no município paraibano de Tavares, examinando a relação entre fé e imaginário social, mediante a análise das representações observadas no local citado. Através de uma perspectiva que enfoca a conceituação de tradição (Hobsbawm; Ranger, 2010), representações e imaginário (Pesavento, 2008), memória e identidade (Candau, 2010) e sincretismo cultural e religioso (Hoornaert, 2008), busca-se compreender como as práticas de benzeção estão intimamente ligadas ao saber popular, transmitido ao longo das gerações por nossos antepassados. Assim, pretende-se evidenciar a relevância das benzedeiras não apenas como agentes de cura, mas também como portadoras de um conhecimento ancestral que enriquece o patrimônio cultural da região. Adotando uma abordagem qualitativa, utilizando a História Oral como procedimento metodológico para a coleta de dados.

Palavras-chave: Benzedeiras; Benzeção; Representações; Imaginário.



O APAGAMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA POPULAÇÃO NEGRA NA CONSTRUÇÃO DO MUNICÍPIO DE MANAÍRA-PB: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIAL

Maria Franciele Vaz Cirino, FAFOPST, mfranciele171@gmail.com

RESUMO

Sempre que se estuda as histórias regionais percebe-se uma predominância de pessoas brancas e da elite local como destaques entre os nomes fundadores de importância na construção das cidades. Assim, a negligência deliberada em ocultar a participação negra nessa formação implica em uma construção histórica atual que se faça “à contrapelo” (Benjamin, 1985, p. 225). No município de Manaíra-PB não foi diferente. Nos escritos e narrativas orais da região, há uma ausência do reconhecimento das pessoas negras e sua relevância. Sabe-se que não é por falta de suas participações, já que as próprias narrativas sobre a construção da cidade, relatam que em 1840, Manoel Pereira da Silva, chegou à localidade juntamente com um de seus escravos, onde construiu uma fazenda, a qual foi nomeada de Lagoa Nova, onde mais tarde moraram os primeiros cidadãos manairenses (Diniz, 2014, p. 75). Não é feita outras menções de negros na construção da Fazenda Nova, onde certamente foram responsáveis por grande parte dos trabalhos braçais. Ademais, o quilombo do Fonseca, que é uma comunidade pertencente ao município, e os poucos registros que falam sobre ele, são fontes históricas da presença negra na formação da cidade. O apagamento dessas questões contribuem para a propagação de estereótipos e preconceitos raciais. Assim, esse trabalho tem como objetivo analisar criticamente o apagamento da população negra na construção da cidade de Manaíra, classificando os mecanismos responsáveis por essa invisibilidade, com vistas a propor caminhos para o reconhecimento dessa contribuição. Partir-se-á da análise de livros e estudos que falem sobre a formação da cidade, documentos oficiais encontrados em sites e entrevistas aos moradores da comunidade Fonseca. Desse modo, ao conflitar com a historiografia local que tende a destacar apenas as figuras da elite e negligenciar a atuação dos negros na formação da cidade de Manaíra, estabelece-se uma importante contribuição à história negra enraizada e fonte na construção da memória coletiva local, colocando os negros como agentes históricos, tornando possível “ver o que não está lá; em outras palavras, entender a importância de uma ausência específica” (Burke, 2002, p. 40).

Palavras-Chave: Manaíra-PB; Apagamento Histórico; Povos Negros; Histórias Regionais.



A COMPREENSÃO DA DINÂMICA DE VALORIZAÇÃO DO XAXADO: A VALORIZAÇÃO EXTERNA X A RESISTÊNCIA LOCAL EM SERRA TALHADA.

Maria Thalita de Lima Silva - AESET/FAFOPST.

limasilvamariathalita@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho busca compreender as resistências locais à manifestação cultural do xaxado por parte de alguns habitantes de Serra Talhada, assim como analisar as formas de valorização da dança por públicos externos. A pesquisa investiga como essas resistências se configuram e de que maneira o reconhecimento externo tem contribuído para a preservação e difusão do xaxado. A partir da problemática central por que determinados moradores de Serra Talhada ainda resistem à representação do xaxado no período de 1995 a 2025. O estudo adota uma abordagem qualitativa, com foco na história local e na análise de elementos identitários e simbólicos da cultura regional.

Palavras-Chave: Xaxado; Resistência cultural e Valorização externa.



DE “PRINCESA DO SERTÃO” A RAINHA DO MOURÃO: A RESISTÊNCIA DO SER VAQUEIRO NO MUNICÍPIO DE SERRA TALHADA.

Maria Thalita de Lima Silva - AESET/FAFOPST.

limasilvamariathalita@gmail.com

RESUMO.

O transcurso da História é marcado por rupturas e continuidades. Incluem-se nessa realidade as práticas humanas. O ser vaqueiro no Sertão nordestino é uma delas. Remontando ao século XVIII, quando se deu a interiorização das boiadas, o ofício de vaqueiro tem continuidade no município de Serra Talhada, cidade pernambucana sertaneja, localizada na região do Pajeú. Vaqueiro mantém práticas verificadas como intrínsecas a sua função: vestimenta de couro, uso do cavalo como transporte e, principalmente a busca de reses na caatinga, divulgada por eles como “pega de boi no mato”, sendo isso também programado, em decorrência das “festas de pega de boi no mato”. Embora exista hoje a apropriação do termo vaqueiro, pelos praticantes da chamada “vaquejada”, os sujeitos citados reivindicam para si o que afirmam ser “vaqueiro verdadeiro”, desqualificando, dessa forma, aqueles que se apropriam do termo. A continuidade do ser vaqueiro e das práticas que envolvem esse ofício mantém-se resistente às modificações impostas pela contemporaneidade. Este trabalho busca entender como o ofício do ser vaqueiro perdura, mesmo diante das dificuldades vivenciadas por quem o exerce. Para alcançar o objetivo aqui proposto, será utilizada a metodologia da História Oral, sendo a ferramenta de coleta de dados o questionário semiestruturado.

Palavras-chave: Serra Talhada; Vaqueiro e Pega de boi.



ACESSOS E POLÍTICAS DE PERMANÊNCIA DAS PESSOAS TRANSVESTIGENERE NA UFCG: DESAFIOS E COMPROMISSOS

Marcus Whinter Alves da Silva, Doutorando em Ciências Sociais
PPGCS/UFCG, whinter.marcus@gmail.com

Dayane Mirelly Pereira Rodrigues, Mestranda em Ciências Sociais
PPGCS/UFCG, dayanemprodriques@gmail.com

Jessica Ellen Paixão Silva, Mestranda em Ciências Sociais
PPGCS/UFCG, paixao.jessicaellen@gmail.com,

RESUMO

Desde a criação da lei de cotas (Lei nº 12.711/2012) o ingresso na universidade pública tem sido proposto para grupos socialmente vulneráveis, principalmente após sua reformulação no ano de 2024. Sabendo disso, pessoas transvestigeneres, atravessadas pela dissidência de gênero e violentadas pelas instituições de ensino básico pelo seu despreparo e descompromisso, acabam se sentindo desestimuladas a continuar estudando, tendo qualquer perspectiva de ingresso no ensino superior sufocada. Dito isto, o objetivo deste trabalho é compreender como a UFCG acolhe, facilita o acesso e garante a permanência de pessoas transgênero, apoiando seus estudantes na conclusão do processo de formação superior. Para isto pretendemos consultar os órgãos responsáveis para o levantamento de dados da quantidade de pessoas travestigeneres que solicitaram o uso do nome social da universidade; avaliar as políticas de permanência já implementadas na instituição e sua efetividade junto as/os estudantes impactadas; compreender os impactos psicossociais causados pela ausência das políticas; e, enfim, mapear demandas das pessoas transvestigeneres dentro da instituição. Para isto utilizaremos dados catalogados e disponibilizados pela IE, combinados a entrevistas semiestruturadas com pelo menos cinco estudantes transvestigeneres de diferentes cursos e centros.

Palavras-Chave: Transvestigeneres; Política de Permanência; Universidade; Cotas.



RUPTURAS E PERMANÊNCIAS DO JOGO POLÍTICO LOCAL: A ASCENÇÃO DE GRUPOS POLÍTICOS AO PODER NA CIDADE DE PRINCESA ISABEL PB

Prof. Esp Mateus Gonçalves dos santos
Escola Tomé Francisco da Silva
goncalvesmateus96@gmail.com

RESUMO

As relações do jogo político ao longo do tempo têm se transformado e mudado o curso das relações de poder local. Neste sentido analisa se estas relações de poder na cidade de Princesa Isabel PB , onde a mesma foi palco de tensões políticas, que mudaram o cenário local, através de rupturas entre oligarquias e o poder instituído. Neste sentido se tem como proposta, analisar a ascensão de grupos políticos ao poder local, em detrimento da fragmentação de famílias que governavam o município desde o final do século xx. A ruptura política de grupos locais ao poder, estes não tradicionais que chegaram ao ápice da instituição municipal. É importante salientar que apesar de não serem grupos que não tinham tradição política imporão como oposição desde 2005 um contra-ataque em relação as famílias tradicionais que governavam o município. O grupo de oposição que hoje governa o município, ascendeu ao poder em 2014 em detrimento da ruptura do grupo que estava no poder, liberado pelo médico José Sidney de Oliveira rompendo com o governo do estado, assim a oposição liderada pelo então vereador Ricardo Pereira do nascimento, “abraça” o governador da Paraíba Ricardo Coutinho para marchar juntos para sua reeleição. Percebesse que os conchavos e acordos continuam sendo o centro de gravidade da política de troca de favores.

Palavras-chave: Liderança Local; Poder Político; Rupturas.



SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE - O LUGAR COMO ECONOMIA.

Radamés da Silva Barros - FAFOPST

radamessb@gmail.com

RESUMO

Santa Cruz do Capibaribe, cidade do agreste pernambucano, vivência mudança de suas origens rurais, em finais da década de 1970, para uma rápida industrialização têxtil, esta acompanhada de significativo aumento demográfico, este justificado pela imigração massiva de trabalhadores em busca de melhores condições de vida. As configurações de “identidades tradicionais” se perdem nesse processo para a população originária. Já a população migrante desenvolve uma relação dupla, pareando seu espaço de origem ao seu local de subsistência. Assim, Ser santacruzense se configura em uma dupla identidade, pois, para a grande maioria de sua população: as identidades devidas a seus locais de origem convivem com uma nova identidade puramente econômica, dado os demais elementos culturais que permitem essa formulação identitária são tão diversos que não se configuram como força unificante do lugar. Assim Santa Cruz do Capibaribe mantém sua identidade sobre um mosaico de origens variadas (Hall, 2010), cuja coesão só se mantém pela economia. Logo, se pode considerar a sua identidade como um aspecto econômico e produtivo, numa relação peculiar entre capitalismo e identidade. O objetivo desse trabalho é analisar a construção da identidade de Santa Cruz do Capibaribe, entrecruzando-a com a história econômica local, que transforma o espaço em conexão com a reprodução ampliada do capital (Lefebvre, 2008) e cria uma peculiar história local.

Palavras-Chave: Santa Cruz do Capibaribe; Economia; Mosaico de Identidad; História.



ENTRE SABERES E SILÊNCIOS: O RETRATO DO CAMPO NOS LIVROS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO DA COLEÇÃO NOVO GIRASSOL

Rebeca Dantas Alves¹- Universidade Federal de Campina Grande -
rebeca.d.alves@estudante.ufcg.edu.br.

Simone Vieira Batista²- Universidade Federal de Campina Grande -
simone.vieira@professor.ufcg.edu.br

RESUMO

O presente estudo se configura como um recorte de uma pesquisa vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFCG). Neste artigo, apresentaremos um recorte que foca na análise dos livros do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, do componente curricular de letramento e alfabetização. O objetivo é verificar em que medida os textos e as representações visuais contribuem para o fortalecimento e/ou enfraquecimento dos princípios da Educação no e do Campo, especialmente no que diz respeito à valorização dos saberes, das práticas e das identidades camponesas. A pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho documental, tendo como principal fonte dois livros didáticos. A análise fundamenta-se em autores como Caldart (2012), Arroyo, Caldart e Molina (2011), Saviani (2022), Sacristán e Gómez (2007; 2000), além de Gil (2008; 2010) e Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), que orientam a perspectiva teórico- metodológica. Os resultados indicam que, embora existam menções ao contexto do campo, os conteúdos teóricos e, especialmente, as imagens presentes nos livros analisados demonstram uma desconexão com a realidade vivida pelos camponeses. Essa escolha imagética, aliada à superficialidade de alguns conteúdos, pode enfraquecer o potencial formativo do livro didático e comprometer a construção de uma identidade camponesa emancipatória, crítica e enraizada nos saberes, cultura e valores dos povos do campo, das águas e das florestas.

Palavras-Chave: Educação; Currículo; Livro; Alfabetização e Letramento.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História. Centro de Humanidades. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande. Paraíba. Brasil. E-mail: rebeca.d.alves@estudante.ufcg.edu.br.

² Doutora em Educação pela FEUSP, Professora da Unidade Acadêmica de Educação - UAEDU/CH, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: simone.vieira@professor.ufcg.edu.br



UM MESMO ESPAÇO, REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DIFERENTES: UMA ANÁLISE DA DISPUTA CULTURAL ENTRE SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE E JATIÚCA.

Vanessa Pereira de Medeiros (FAFOPST-PE)

Vanessapdemedeiros@gmail.com

RESUMO

Santa Cruz da Baixa Verde, cidade pernambucana sertaneja, localizada na conhecida região do Pajeú, tem na cana-de-açúcar sua principal fonte econômica, e por tabela, o enraizamento de sua cultura, dando-lhe o título de “Capital da Rapadura”. Este artigo investiga as razões pelas quais a cultura predominante não consegue se estabelecer em Jatiúca, distrito que compõe o município santacruzense. A pesquisa analisa fatores históricos, sociais e econômicos que cooperam para essa resistência cultural, destacando as dinâmicas comunitárias que dificultam a integração de outras manifestações culturais. Além disso, o texto explora as iniciativas do poder executivo municipal que, no ano de 2022, buscou dar visibilidade à manifestação cultural do distrito, a Festa da Pinha, fato que trouxe consigo reações de desaprovação tanto da cidade, quanto do distrito, evidenciando as estratégias e os desafios decorrentes desse processo de “disputa cultural” vivenciado dentro de um mesmo espaço. A partir de uma abordagem qualitativa, utilizando-se da metodologia da História Oral (Delgado, 2006), no diálogo da História com as Ciências Sociais, investigar a Nova História Local contribui para demonstrar, também, a “conveniência da cultura” (Yúdice, 2013).

Palavras-Chave: Disputa Cultural; Santa Cruz da Baixa Verde; Jatiúca; Resistência cultural.